

Biodiversidade Sensorial: um elo entre conhecer, aprender e se conectar



Organização:

Vanessa Jacob Victorino
Ítalo Martins de Oliveira
Bianca de Almeida Silva
Edimar Faria Menezes Lopes

Biodiversidade Sensorial: um elo entre conhecer, aprender e se conectar

Esta obra foi organizada por Vanessa Jacob Victorino, Ítalo Martins de Oliveira, Bianca de Almeida Silva e Edimar Faria Menezes Lopes, com a colaboração de autores convidados.

Vanessa Jacob Victorino
Ítalo Martins de Oliveira
Bianca de Almeida Silva
Edimar Faria Menezes Lopes

Biodiversidade Sensorial: um elo entre conhecer, aprender e se conectar

1ª Edição

Pinheiral, Rio de Janeiro - Brasil
2025

CIP - Catalogação na Publicação (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

**Biodiversidade Sensorial: um elo entre conhecer, aprender e se conectar/
organização de Vanessa Jacob Victorino, Ítalo Martins de Oliveira,
Bianca de Almeida Silva, Edimar Faria Menezes Lopes. -**

**ed. - Pinheiral, RJ: IFRJ, 2025.
128 p. : il. color.; 25 cm.**

ISBN 978-65-0000-000-0 (a ser definido)

Educação ambiental. 2. Plantas medicinais. 3. Jardim sensorial.

Povos indígenas. 5. Cultura afro-brasileira. 6. Inclusão educacional.

I. Victorino, Vanessa Jacob, org.

II. Oliveira, Ítalo Martins de, org.

III. Silva, Bianca de Almeida, org.

IV. Lopes, Edimar Faria Menezes, org.

V. Título.

CDD: 580.9

CDU: 581.9(81)

Dedicatória

Aos ancestrais pretos e indígenas,
que caminharam nesta terra antes de nós,
e com sabedoria nos ensinaram a força das folhas,
o tempo das ervas, as flores que anunciam ciclos,
a cura das raízes, e o poder do conhecimento compartilhado.

Este livro é homenagem e continuidade:
por cada planta semeada em resistência,
por cada saber cultivado em memória.

SUMÁRIO

Apresentação	9
Introdução	11
Confluências de Saberes Pretos e Indígenas para Ressignificar um Antigo Espaço escravagista: reflexões e práticas pedagógicas <i>Patricia Manuela de Souza, Fabrício Malheiro Fernandes Nascimento, e Ana Júlia Sansão Gomes</i>	15
Plantas e saberes: o Jardim Sensorial Afrorreferenciado e Indígena como território sensível e educativo	23
Legendas	24
<i>Begonia fischeri</i>	32
<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D. Don	34
<i>Clidemia hirta</i> (L.) D. Don	36
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Camb.	38
<i>Mimosa pudica</i> L.	40
<i>Piper umbellatum</i> L.	42
<i>Pleroma granulosum</i> (Desr.) D. Don	44
<i>Plumeria drastica</i> M.	46
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	48
<i>Talinum paniculatum</i> (Jacq.) Gaertn.	50
Referências Bibliográficas	52
Sobre as autoras e os autores	54

Apresentação

Este livro foi elaborado como um recurso educativo e informativo, voltado para ações de educação ambiental, sustentabilidade e valorização da biodiversidade da Mata Atlântica. A partir das espécies nativas cultivadas no Jardim Sensorial Afrorreferenciado e Indígena do Instituto Federal do Rio de Janeiro *campus* Pinheiral, a obra convida o leitor a explorar os diversos usos das plantas, integrando saberes acadêmicos e tradicionais.

Localizado no Laboratório Espaço Ecológico Educativo (EEcoE), o Jardim Sensorial promove experiências sensoriais e culturais que conectam o público à natureza e à história do território, marcado por resistências ancestrais. Ao apresentar informações botânicas, nomenclaturas populares e iorubás, bem como imagens das espécies do macro ao micro, este livro busca estimular a valorização dos etnosaberes, o respeito à diversidade cultural e o compromisso com práticas sustentáveis.

Mais do que um guia sobre plantas, este material é um convite à sensibilização e à preservação da Mata Atlântica, incentivando o cuidado com o meio ambiente e a construção de um futuro mais consciente e inclusivo.

Considerando o contexto histórico da região, o livro tem como propósito ampliar a conscientização sobre a importância da Mata Atlântica e incentivar práticas sustentáveis, destacando o valor das plantas nativas.

Ao divulgar informações sobre espécies locais, bem como sobre os saberes e usos tradicionais associados a elas, o material pretende estimular atitudes sustentáveis e a preservação da Mata Atlântica, fortalecendo a conexão entre o público e a riqueza natural desse bioma.

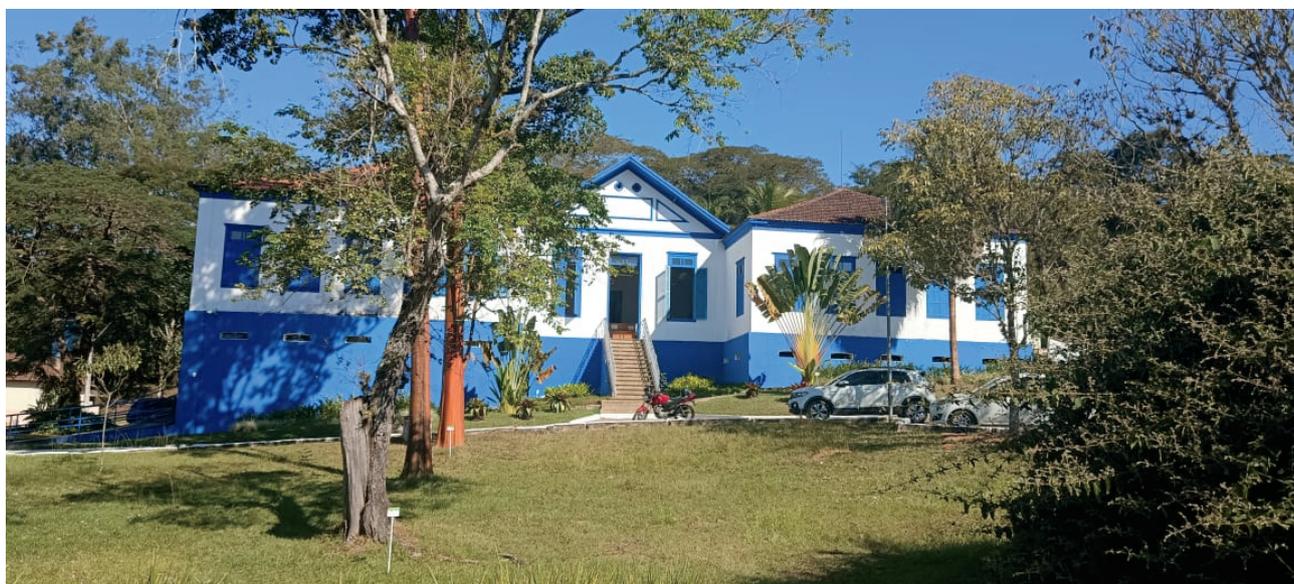


Remul
Thomaz

INTRODUÇÃO

O Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) Campus Pinheiral é reconhecido por sua dedicação à excelência em educação, pesquisa, extensão e inovação. Localizado no município de Pinheiral, no estado do Rio de Janeiro, o campus oferece uma ampla diversidade de cursos, abrangendo modalidades integradas ao Ensino Médio, concomitantes ou subsequentes, além de graduações e programas de pós-graduação.

Entre os projetos, o Jardim Sensorial Afroreferenciado e Indígena e a Laminoteca se vinculam às atividades do Laboratório Espaço Ecológico Educativo (EEcoE), um espaço ao ar livre que reflete as características ambientais, históricas e geomorfológicas da região. Essas iniciativas resgatam e valorizam saberes ancestrais, promovendo a inclusão e a sustentabilidade.



IFRJ campus Pinheiral

A história da região de Pinheiral, no entanto, traz marcas profundas da escravidão, como o legado deixado por José de Souza Breves, antigo proprietário da Fazenda do Pinheiro, onde hoje está localizado o campus. Um dos maiores escravocratas do Império do Brasil, Breves é homenageado na região com o nome da rua de acesso ao campus, uma contradição com a memória coletiva e os valores de justiça social e igualdade. Ressignificar esse passado exige valorizar os conhecimentos dos povos afro-brasileiros e indígenas, confrontando a herança escravocrata e celebrando a contribuição de seus saberes e culturas.

O Jardim Sensorial é um espaço interativo de aprendizado, onde as plantas são identificadas por seus nomes iorubás, populares, científicos e em Braille. Esse projeto conta com o apoio do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e do Núcleo de Apoio à Pessoas com Deficiências (NAPNE), que promovem atividades inclusivas e estudos sobre a valorização das culturas afro-brasileiras e indígenas. No espaço, os visitantes podem explorar plantas medicinais e alimentícias não-convencionais (PANCs), interagir com tecnologias educacionais, como QR-Codes informativos, e fotografar painéis artísticos que homenageiam os caboclos e povos originários da região, além do orixá Ossaim, associado às ervas medicinais e litúrgicas.



Painéis do artista Rômulo Tomaz representando o conhecimento dos povos pretos e originários acerca do uso das plantas



Espécies do bioma Mata Atlântica presente no Jardim Sensorial Afrorreferenciado e Indígena

Complementando essas ações, a Laminoteca se dedica à educação ambiental e à sustentabilidade, promovendo a preservação de espécies nativas da Mata Atlântica. Utilizando materiais recicláveis, estudantes constroem microscópios caseiros e realizam atividades de coleta e preparo de lâminas histológicas de baixo custo. Essas lâminas integram a coleção biológica do Museu de Ciências Naturais Ipê Amarelo, no EEcoE, e são divulgadas em plataformas digitais.



Estudantes em visita ao Jardim Sensorial Afrorreferenciado e Indígena.



Atividade de microscopia caseira com espécies presentes no Jardim Sensorial.

Ao incorporar nomenclaturas iorubás e etnosaberes afro-brasileiros e indígenas, o projeto fomenta uma educação decolonial e intercultural, ampliando a compreensão da biodiversidade e do papel cultural das plantas. A abordagem também atende às Leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar.

Essa perspectiva amplia o aprendizado dos estudantes e da comunidade, promovendo valores como sustentabilidade, inclusão social e respeito às diferenças. Ao conectar o saber científico aos saberes tradicionais, espera-se formar cidadãos críticos, conscientes e engajados em construir uma sociedade mais justa e diversa.

“Ewé ó! Ewé àsà!” (Oh, as folhas! A folha é a tradição!)



CONFLUÊNCIAS DE SABERES PRETOS E INDÍGENAS PARA RESSIGNIFICAR UM ANTIGO ESPAÇO ESCRAVAGISTA: REFLEXÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Patricia Manuela de Souza¹; Fabrício Malheiro Fernandes Nascimento²; Ana Júlia Sansão Gomes³.

¹Professora Doutora em Geografia/IFRJ/CPIN

²Graduando em Licenciatura em Biologia/IFRJ/CPIN

³Estudante do Curso de Meio Ambiente do Ensino Médio Técnico IFRJ/CPIN

Os projetos que se realizam através do Jardim Sensorial, tiveram práticas efetivas iniciadas em parceria com o Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI), do IFRJ Campus Pinheiral, a partir do ano de 2022, quando da solicitação de um espaço à Direção Geral do campus para efetiva instalação do Jardim e plantio das espécies. No local foram plantadas espécies originárias da mata atlântica, a partir de pesquisas prévias feitas pelos professores orientadores e bolsistas. Além disso, as ervas e plantas selecionadas foram aquelas que apresentaram um resgate ancestral do seu uso na região, associadas ao uso e pertencimento das populações indígenas e pretas.

Sendo assim, desenvolvem estudos e práticas a partir de saberes Afrorreferenciados e Indígenas, identificando plantas com base no sistema lorubá de classificação, como também do tronco linguístico Macro-Jê, que representa a presença ancestral dos indígenas Puris, Araris e Coroados, “entre outras nações indígenas, que viviam no Vale do Paraíba e usufruíram das regiões florestais durante muito tempo” (ALVARENGA, 2022,p.2), historicamente dizimados pela coroa portuguesa e seus “colonizadores europeus”, no final do século XVIII e início do XIX. Tais sujeitos e ações consideravam as regiões já ocupadas por esses povos indígenas como livres, “motivada pela possibilidade de aquisição de terras, calcada pelo não reconhecimento e deslegitimação do direito dos grupos indígenas à terra” (MACHADO, 2010, p.14).

As plantas tradicionais e o conhecimento sobre seu uso, trazem em si o sentido também de ressignificar o lugar onde hoje é o IFRJ, que perante a história oficial no passado foi apenas uma fazenda cafeeira, pertencente a família do senhor José Breves, traficante e escravizador de pessoas pretas, além de invasor das terras dos povos indígenas da região Sul Fluminense. Sabemos hoje, que o campus está dentro do “quilombo de Pinheiral”, palco das contradições inerentes ao sistema moderno de escravismo, onde duas classes sociais se chocavam: a classe dos escravos (oprimida) e a dos senhores de escravos (opressora). Nesse sentido, entendemos que o passado foi moldado em cima desta contradição, que se cristalizou em uma base social racista, que silencia e apaga as memórias de indígenas e pretos quilombolas, como destaca (MOURA, 2020, p.20):

“em cima dessa contradição, os senhores criaram uma estratégia de dominação, que se cristalizou no racismo, ao afirmarem que os escravos eram inferiores, e, por serem inferiores, eram passíveis de serem escravizados [...] na escravidão moderna, pelo fato de os escravos serem índios, inicialmente, e, depois, negros, povos divergentes dos padrões estéticos europeus dominantes, a mesma estratégia justificadora foi empregada”.

Nesse sentido, buscamos tecer um olhar crítico ao passado escravagista da fazenda “São José dos Pinheiros”, e sinalizar os avanços em direção a uma nova realidade, representada pelas práticas pedagógicas realizadas no presente pelo Jardim Sensorial. Entendemos essa iniciativa como uma estratégia que ressignifica um antigo espaço de trabalho escravo, através da confluência de saberes dos povos pretos e indígenas, divulgando cientificamente a utilização das plantas e ervas sagradas utilizadas pelos ancestrais desses povos, que deixaram o conhecimento sobre seu uso como um legado. Sobre as confluências entre saberes originários e quilombolas, (Nêgo Bispo, 2023, p.45) converge:

“Não fizemos os quilombos sozinhos. Para que fizéssemos os quilombos, foi preciso trazer os nossos saberes de África, mas os povos indígenas daqui nos disseram que o que lá funcionava de um jeito, aqui funcionava de outro. Nessa confluência de saberes, formamos os quilombos, inventados pelos povos afroconfluentes, em conversa com os povos indígenas”.

O jardim está localizado na parte de trás da sede administrativa do campus, que é apelidado pela maioria de “castelinho”, mas que advertimos ser necessário reforçar a lembrança que tal construção faz da estrutura da antiga “casa grande” da fazenda dos Breves, lembrar do passado de sofrimento e dor dos pretos que ali tiveram suas energias vitais sugadas pela escravização, para enriquecimento ilícito de gerações de brancos, privilegiados apenas pela coloração de sua pele e classe social, mas não por sua capacidade de respeito às diferenças entre povos e realização de trabalho, evidenciada pela incapacidade de enxergar corpos pretos e indígenas como iguais ou passíveis de humanidade.

Um dos fatos que vai de encontro a necessidade de lembrar o passado para ressignificar o presente é a existência, ainda hoje, de forma simbólica, do antigo dono da fazenda, o escravagista José Breves, como nome da rua que dá acesso ao IFRJ Campus Pinheiral. O nome de rua no Brasil virou sinônimo de homenagem a figuras ilustres e memoráveis há muito tempo, das quais a sociedade se orgulha e tece reverência. O que indagamos é qual é o mérito de um traficante de pessoas e escravizador para merecer um nome de rua, em especial a que leva a uma instituição educacional? Se passamos por lá e não nos sentimos minimamente incomodados é porque estamos sofrendo de algum problema de ordem civilizatória, e permitimos de alguma maneira negociar nossa humanidade. Porque não foi pensado pelos moradores e políticos locais de chamar tal rua de “rua do jongo de Pinheiral”, ou “rua do quilombo de Pinheiral”, já que a cidade é considerada “capital do Jongo”, e suas mestras são descendentes diretas dos quilombolas do “vale do café Sul Fluminense”? Qual a dificuldade de entender que o “jongo” é uma memória de resistência positiva do lugar, e que este sim merece ser reverenciado como nome de rua. São questões para reflexão coletiva, mesmo.

A presença e contribuição dos pretos na região sofreu um sistemático apagamento das memórias históricas oficiais. Os quilombos da cidade de Pinheiral, de Volta Redonda e das demais cidades da região Sul Fluminense, resistem e se mantêm através da luta dos descendentes dos antigos negros que foram escravizados, que contam suas histórias para os mais novos e mantêm vivas suas tradições culturais por meio do jongo e seus pontos que narram os costumes e tradições. Também temos a força e representatividade dos “terreiros quilombos” de religião de matriz africana, que utilizam as ervas sagradas em suas ritualísticas de cura, benfasejo e benzeções. Devido ao avançado processo de degradação das espécies de ervas existentes na região, provocada pelo cultivo do café, criação de gado e queimadas, a memória ecossistêmica ficou comprometida, sendo assim, é importante buscar esses conhecimentos junto aos moradores da região, em uma dimensão que valoriza o sagrado e o patrimônio imaterial local, sendo considerado “o conhecimento etnoecológico como uma dimensão imaterial da paisagem, que oferece informações sobre as espécies de flora e fauna e a relação da população com elas (OLIVEIRA e RUIZ, 2019)”.

Por meio de práticas educativas que se interseccionam, o projeto de pesquisa “Geografia, Território e Aquilombamento”, em conjunto com o projeto de extensão “O Jardim Sensorial e as Nomenclaturas Ancestrais das Plantas a Partir dos Etnosaberes dos Povos Pretos e Indígenas”, ambos aprovados em edital interno do IFRJ, realizaram atividades durante o ano de 2023 e 2024, entendendo que os quilombos das cidades de Pinheiral e Volta Redonda podem contribuir de forma efetiva com as práticas e pesquisas que confluem pelos saberes ancestrais pretos e indígenas. Foram realizadas visitas e atividades conjuntas com quilombos parceiros dos projetos em Volta Redonda “Centro Espírita Nossa Senhora da Guia”, “Comissão Mojubá”, “Memorial Zumbi” e “Clube Palmares”, e também a casa do “Jongo de Pinheiral” e o “Centro Cultural Folha Grande”, localizados em Pinheiral. Seguem abaixo alguns registros das atividades realizadas:



Figura 1 - I Conferência Livre dos Povos de Terreiro do Sul Fluminense. IFRJ Campus Pinheiral, 2023.



Figura 2 e 3 - Visitas ao Memorial Zumbi e Clube Palmares. Volta Redonda, RJ, 2024.



Figura 4 e 5 - Visitas à Casa do Jongo e ao Centro Cultural Folha Grande. Pinheiral, RJ, 2024.

As atividades realizadas interseccionaram os projetos de pesquisa e extensão, buscando desenvolver dentro da ideologia conhecida como “afrocentricidade” que entende mentes e corpos negros como produtores de conhecimento, compartilhada no pensamento do professor doutor e filósofo afrocêntrico Molef Kete Asante, “uma ideologia de libertação deve encontrar sua experiência em nós mesmos” (M. K. Asante, 1988, p.31), onde as práticas tinham como objetivo ter os sujeitos negros e suas experiências como centro do debate.

As visitas aos quilombos urbanos das cidades de Volta Redonda e Pinheiral contaram com a participação de discentes, docentes, responsáveis, além de estudantes egressos e professores de outras instituições. As histórias dos lugares, as lutas e resistências travadas pelos sujeitos negros para manter vivas as tradições quilombolas nas cidades foram um dos principais temas abordados. Ouvimos também sobre suas estratégias coletivas de permanência, ressignificação e inserção não só da presença de corpos pretos nesses lugares, mas a efetiva valorização da história, cultura e valores afrodiaspóricos, em uma perspectiva que leve em consideração a “agência preta”, como aponta NJERI (2020, p.5):

“Ao pensarmos os fenômenos da diáspora africana no Brasil, devemos em primeiro lugar localizá-la e aplicar sua agência, para logo em seguida, afroperspectivar a partir da territorialidade e a história desta diáspora. Qualquer análise sobre população que não aplica localização e agência e afroperspectiva nesta diáspora, corre o risco de ser vazia, distante das escrevivências, homogeneizadora da negritude e, o que é mais grave, embranquecidas e ocidentalizadas”.

Em setembro de 2023, organizamos a “I Conferência Livre dos Povos de Terreiro do Sul Fluminense” em parceria com a Comissão de Terreiros Mojobá, o Centro Espírita Nossa Senhora Guia e a Pós em Educação e Direitos Humanos (PEDH-IFRJ-CPIN). Na experiência ouvimos lideranças de diversos terreiros da região Sul Fluminense, e participamos da escrita coletiva de um documento que foi encaminhado ao poder público, exigindo a ampliação dos direitos dos terreiros de religião de matriz africana, o que condiz com a ideia de pensarmos em afroperspectiva. O filósofo Renato Nogueira coloca que a ideia de pensarmos a partir de uma perspectiva africana, tem sentido simples, aborda o “conjunto de pontos de vista, estratégias, sistemas e modos de pensar e viver de matrizes africanas” (NOGUEIRA, 2012, p.147).

Os projetos supracitados são realizados em parceria com o Neabi do campus Pinheiral, o que dimensiona que práticas como as descritas acima estão alinhadas às premissas das leis 10.639/03 e a 11.645/08, que preveem a obrigatoriedade das instituições de ensino e suas disciplinas ministradas, trabalhem a importância do legado histórico e cultural dos povos pretos e indígenas na sociedade brasileira, estando descrito da seguinte maneira na Lei 10.639/2003:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

A obrigatoriedade da temática indígena é inserida alterando a lei anterior, e está prevista na 11.645/08 da seguinte maneira:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar(...)".

Sendo assim, as temáticas desenvolvidas pelos projetos de pesquisa e extensão, vinculados ao Neabi, oferecem meios de aperfeiçoamento curricular para docentes, discentes, técnicos e comunidade externa, de aprender com os quilombos urbanos da região, bem como conhecer o legado dos ancestrais indígenas para o uso das ervas. Além disso, promovem a possibilidade de estabelecer contatos com autores e conceituações que geralmente não figuram nos livros didáticos, por conta das barreiras colocadas pelo racismo e suas estratégias de apagamento das histórias pretas.

Considerações Finais

Os projetos de pesquisa e extensão associados, realizam atividades a partir do Jardim Sensorial, em parceria com o NEABI do IFRJ Campus Pinheiral. Essa articulação possibilitou o desenvolvimento de ações que promoveram o diálogo com quilombos urbanos das cidades de Pinheiral e Volta Redonda. Compreendemos assim, que ao vivenciar as práticas realizadas pelos quilombos da região, a partir da corporeidade preta como ponto de partida, podemos efetivamente ressignificar o espaço onde hoje é o IFRJ CPIN, que guarda lembranças de um passado escravocrata. Entendemos ser simbólico e representativo que os estudantes de diversas origens possam ter contato com as memórias que estão no chão desse lugar, muitas vezes apagadas, mas que resistem, enraizadas nas plantas, ervas, árvores, e nos mais velhos, descendentes de quilombolas, testemunhas vivas de um passado presente, trazendo a possibilidade de projeção de um futuro diferente.

A pedagogia que nos ensina o poder das ervas, que nos conta o passado através das histórias presentes nos pontos do jongo, nos relatos dos pais, mães e filhos de santo, que se sentaram para ouvir e ensinar, ainda está sendo passada pela tradição oral nos terreiros e quilombos da região. Cabe a nós tirarmos os nossos pés dos institutos e universidades, e ir até esses quilombos, que nos acolhe desde a nossa primeira chegada, que nos preenche da real sabedoria daqueles ancestrais que passaram por essa terra.

Axé, Muntu!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVARENGA, Felipe de Melo. POR UM VALE DO PARAÍBA INDÍGENA: CONFLITOS ÉTNICOS E A TRANSFORMAÇÃO DA PROPRIEDADE DOS ÍNDIOS EM VALENÇA (1780-1835). ARTIGO • Rev. Hist. (São Paulo) (181) • 2022 • Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rh/a/ZNsC5Xpnt7bJsqQfbdFgGbbq/#> Acesso em 05/05/2025.

ASANTE, Molefi K. Afrocentricity. Trenton: Africa World Press, 1988.

BARRETO, Raquel. Sobre os encontros, alegrias e descobertas de pesquisar nos arquivos da historiadora Beatriz Nascimento. Revista Firminas, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 169-174, jan/jul, 2021. GONZALEZ, Lélia. Primaveras para as rosas negras, Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: UCPA, 2018.

GONZÁLEZ, Lélia. Mulher negra. Afrodiáspora, Rio de Janeiro, Ipeafro, v.3, n.6/7, 1985, p.94-104.

BISPO, Antônio dos Santos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: UBU Editora/ PISEAGRAMA, 2023.

LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm . Acesso em 05/05/2025.

LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm . Acesso em: 05/05/2025.

MACHADO, Mariana Monteiro. ENTRE FRONTEIRAS: terras indígenas nos sertões fluminenses (1790-1824), 2010. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1306.pdf> acesso em 24/05/2025.

MOURA, Clóvis. Quilombos: resistência ao escravismo. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

NASCIMENTO, Beatriz. Quilombola e intelectual, possibilidade nos dias da destruição. São Paulo: UCPA/Filhos da África, 2018.

NJERI, A.; KWAME, A.; MENE, K. Mulherismo Africana: proposta enquanto equilíbrio vital a comunidade preta. Revista Ítaca n.o 36, 2020 – Especial Filosofia Africana ISSN 1679-6799. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ltaca/article/view/31961/19775>. Acesso em 05/06/21.

NOGUERA, R. (2012). DENEGRINDO A EDUCAÇÃO: UM ENSAIO FILOSÓFICO PARA UMAPEDAGOGIA DA PLURIVERSALIDADE. Revista Sul-Americana De Filosofia E Educação (RESAFE), (18), 62-73. <https://doi.org/10.26512/resafe.v0i18.4523>. Acesso em 05/06/21.

OLIVEIRA, Rogério Ribeiro de; RUÍZ, Adi Estela Lazos. Organizadores. Geografia Histórica do café no Vale do Rio Paraíba do Sul. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2019.

SODRÉ, M. O terreiro e a cidade: a forma social negro brasileira. Ed. Mauad, 2019.

**Plantas e saberes:
o Jardim Sensorial Afrorreferenciado e
Indígena como território sensível e
educativo**

As plantas carregam histórias, símbolos, afetos, curas e memórias. Nesta seção, apresentamos 10 espécies que compõem o Jardim Sensorial Afrorreferenciado e Indígena do IFRJ Campus Pinheiral, acompanhadas de suas características botânicas, usos tradicionais, nomes populares, científicos e iorubás, além de imagens em escala macro e microscópica.

A proposta de reunir tais informações em um único espaço educativo é resultado de uma experiência que articula ensino, extensão e pesquisa com base na etnobotânica, na histologia vegetal e em práticas pedagógicas decoloniais.

A presença dos nomes iorubás nas placas das plantas do Jardim Sensorial e nos materiais da Laminoteca amplia os horizontes da aprendizagem ao integrar saberes tradicionais e acadêmicos em uma mesma experiência educativa.

Cada leitor(a) — seja estudante, educador(a) ou curiosa(o) — é convidado(a) a se aproximar da biodiversidade da Mata Atlântica não apenas pelos sentidos, mas também pela lente do microscópio, que revela estruturas invisíveis a olho nu e enriquece a compreensão da biodiversidade.

As imagens que acompanham esta obra foram produzidas a partir de lâminas histológicas feitas à fresco, com cortes à mão livre, utilizando microscópios ópticos, lupas e até mesmo microscópios caseiros construídos com materiais recicláveis.

Como ensina Verger (1995), *ewé* não são apenas plantas: são forças da natureza, portadoras de axé e caminhos de cura no mundo dos orixás — e agora também matéria de investigação científica, onde tradição e academia se entrelaçam no mesmo território de saber.

Cada planta aqui descrita é um convite à escuta sensível, ao respeito pelas tradições e à valorização da diversidade como princípio educativo. Afinal, como lembra Paulo Freire (1996), ensinar é um ato de amor — e cuidar da terra e dos seus saberes também o é.

Legendas

Sentidos



Espécies com esse ícone despertam a visão.



Espécies com esse ícone despertam o paladar.



Espécies com esse ícone despertam o tato.



Espécies com esse ícone despertam o olfato.

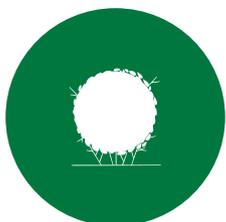


Espécies com esse ícone despertam a audição.

Estrutura e disposição das folhas



Árvore



Arbusto ou subarbusto



Erva



Folha simples



Folha imparinada



Folha Parinada



Folhas alternas dísticas



Folhas opostas cruzadas



Folhas opostas dísticas



Folhas verticiladas



Folha bipinada



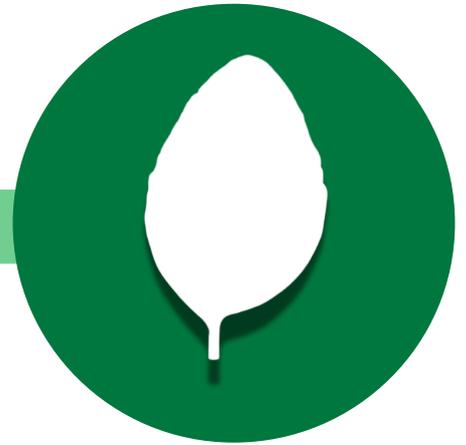
Folha espiralada

Legendas

Formas



Lanceolada



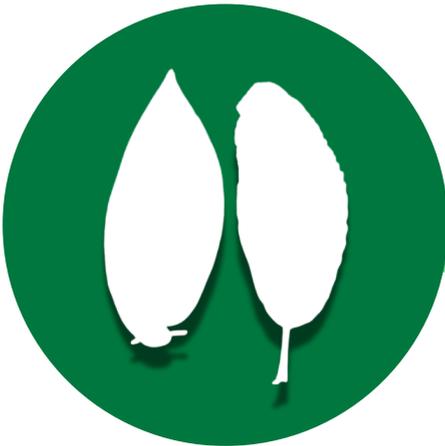
Ovada



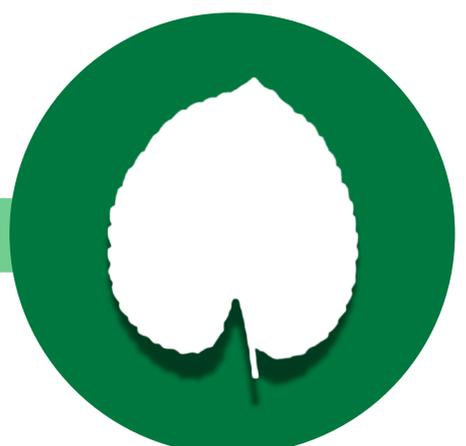
Oblonga



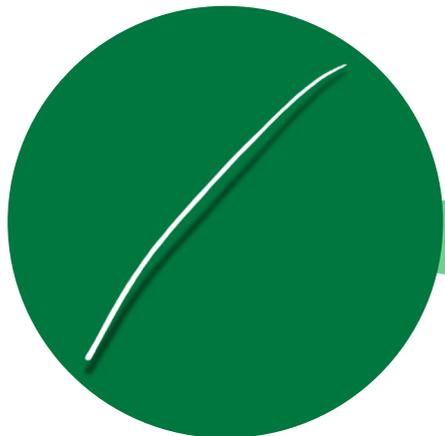
Linear



Elíptica



Orbiculares



Acicular



Obdeltoide

Legendas

Margem
da folha



Lisa ou Inteira: quando a margem se apresenta lisa e sem recortes e contornos.



Ondulada: margem apresenta ondulações amplas.



Denteada: apresenta margens com saliências em forma de dentes voltadas para fora.



Dentilhada: apresenta dentes menores e mais uniformes, distribuídos regularmente ao longo da margem.

Legendas

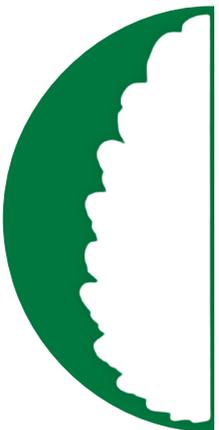
Margem
da folha



Serrada: possui dentes voltados para o ápice da folha, como o gume de uma serra.



Serrilhada: apresenta dentes pequenos e finos, voltados para o ápice, com aspecto mais delicado.



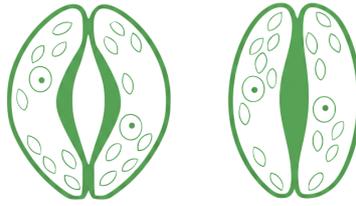
Crenada: apresenta recortes simétricos, arredondados e superficiais.



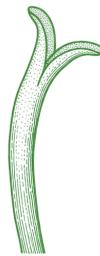
Crenulada: semelhante à margem crenada, porém, os recortes são obtusos, arredondados e minúsculos.

Legendas

Estruturas



Estômatos - são poros microscópicos nas plantas, atuam nas trocas gasosas durante a fotossíntese e respiração. Sua abertura e fechamento são regulados para otimizar essas trocas e evitar a perda excessiva de água (transpiração).



Estigma - é a porção apical do Gineceu, receptora de grãos de pólen durante a polinização. Sua função principal é capturar e reter os grãos de pólen, fornecendo um ambiente hidratado e adequado para a formação do tubo polínico.



Tricomas - são apêndices epidérmicos das plantas com diversas formas e funções. Suas funções incluem proteção contra herbívoros e raios UV, redução da perda de água, secreção de substâncias e, em alguns casos, auxílio na dispersão de sementes.



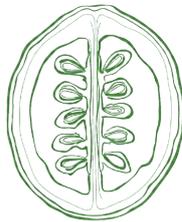
Espinhas - são estruturas rígidas, pontiagudas derivadas de folhas modificadas, estípulas ou ramos. Sua principal função é a defesa física da planta contra herbívoros, protegendo-a de ser comida por animais. Espinhos são vascularizados, diferentemente de acúleos (como nas roseiras), que são modificações epidérmicas espinescentes.

Legendas

Estruturas



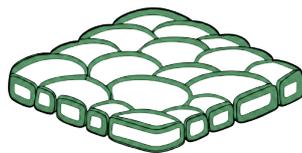
Anteras - são as estruturas masculinas nas flores, responsáveis por produzir e armazenar os grãos de pólen. O pólen é essencial para a polinização, o processo pelo qual as flores são fecundadas e produzem frutos e sementes.



Ovário - Abriga e protege os óvulos, que são células reprodutivas femininas. Após a polinização, o ovário se desenvolve em um fruto, que protege as sementes, que se desenvolvem a partir dos óvulos fertilizados.



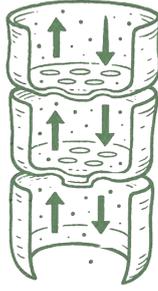
Cloroplastos - são organelas celulares presentes em células de plantas e algas, responsáveis pela fotossíntese. Eles contêm clorofila, o pigmento que absorve a luz e confere a cor verde às plantas.



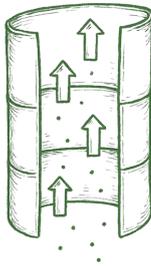
Epiderme - É camada mais externa de células que recobre a planta, atuando como um sistema de proteção e revestimento. Ela protege contra perdas de água, invasões de patógenos e também participa das trocas gasosas (estômatos).

Legendas

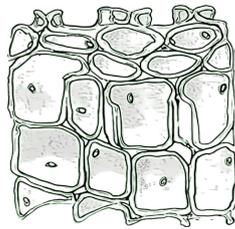
Estruturas



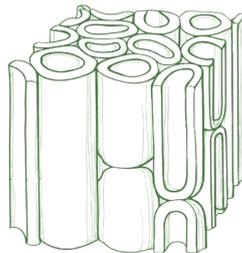
Floema - é um tecido condutor em plantas, responsável por transportar a seiva rica em produtos da fotossíntese, que contém açúcares e outros nutrientes, das folhas para outras partes da planta.



Xilema - tecido condutor nas plantas, responsável por transportar água e sais minerais das raízes para o resto do corpo da planta. É composto por células mortas, que formam um sistema de vasos que permitem a passagem da seiva (água e sais minerais).



Parênquima - é um tecido vegetal vivo que desempenha diversas funções, como armazenamento, fotossíntese e transporte. É encontrado em diversas partes das plantas, incluindo folhas, caules, raízes e frutos.



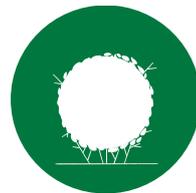
Esclerênquima - é um tecido vegetal de sustentação e proteção, caracterizado por células mortas com paredes secundárias espessas e lignificadas. Essas células, conferem rigidez e resistência a órgãos vegetais que cessaram seu alongamento.

Espécies presentes no Jardim Sensorial Afrorreferenciado e Indígena



Begonia fischeri

Azedinha-do-brejo



Nome popular

Nome científico

Família

Tipo de vegetação

Origem

Altura

Sentido

Azedinha-do-brejo, erva-sacacura, erva-do-sapo, erva-azedo.

Begonia fischeri
Schrank

Begoniaceae

Subarbusto

Mata Atlântica

0.6 -1 m



A Begônia (*Begonia fischeri* Schrank), popularmente conhecida também como Azedinha-do-brejo, é uma planta de pequeno porte, utilizada como planta ornamental e suas folhas possuem propriedades medicinais. A planta possui flores delicadas, podendo ser na cor rosa ou brancas, com pétalas arredondadas.

Nomenclatura iorubá

Sua denominação jeje-nagô é Ìmu e está ligada aos orixás Iemanjá, Oxalá e Nanã. Seu elemento relacionado é a água e seu gênero é o feminino.

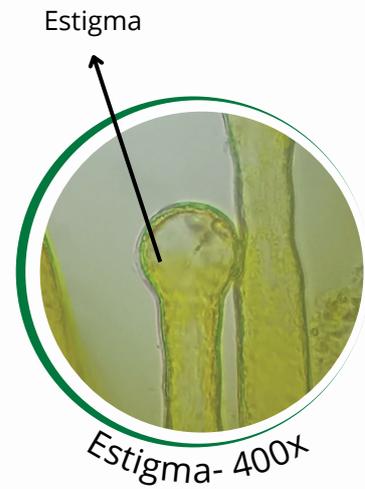
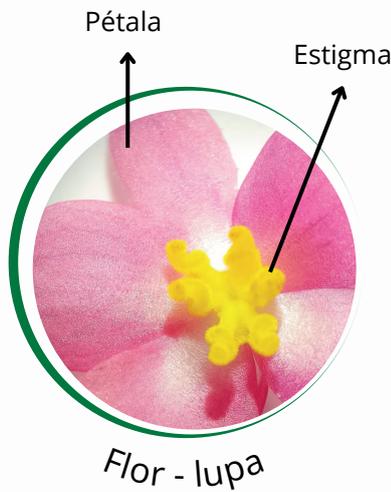
Usos medicinais

Suas folhas apresentam usos religiosos sendo utilizados em banhos. Popularmente suas folhas são usadas no combate ao sapinho de recém-nascido, escorbuto, diarreia e disenterias.

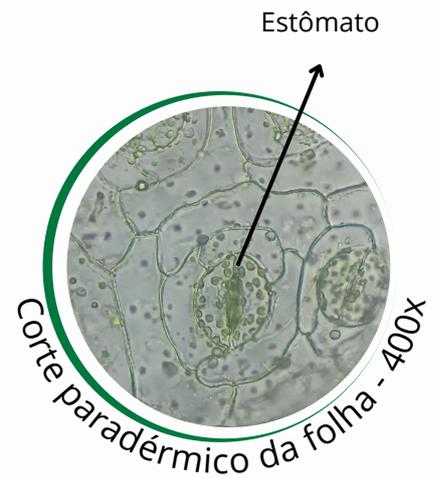
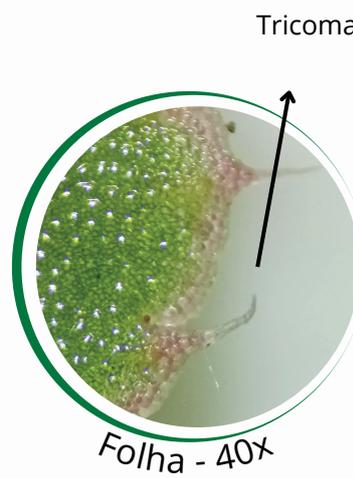


Suas folhas, quando mastigadas, apresentam sabor azedo, estimulando o paladar. As folhas e flores possuem valor ornamental, despertando a percepção visual. Já a presença de tricomas nas folhas e pecíolos contribui para a estimulação do tato.

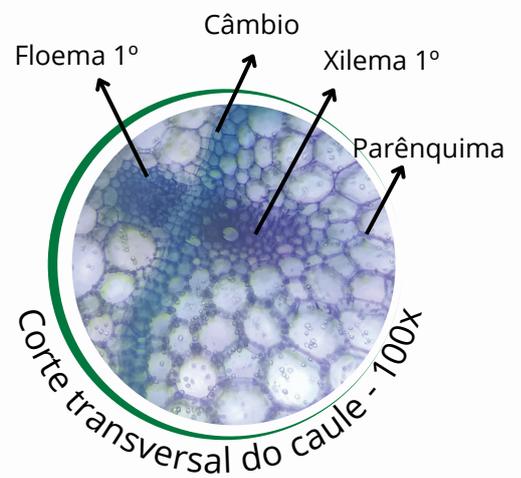
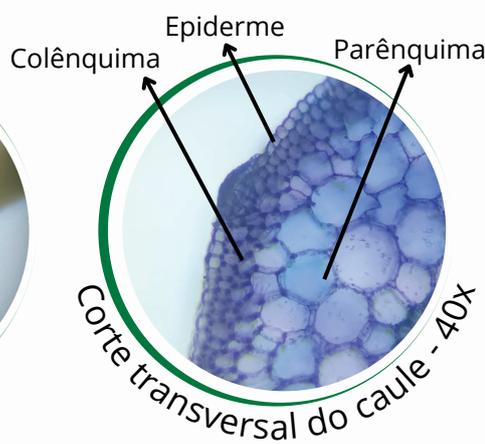
Flor



Folha



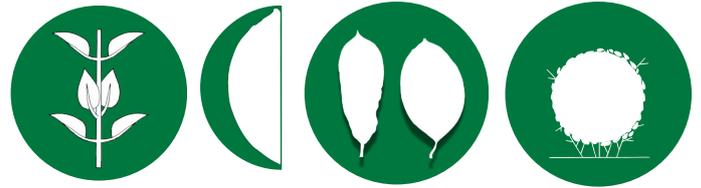
Caule



Brunfelsia uniflora

(Pohl) D. Don

Manacá



Nome popular	Nome científico	Família	Tipo de vegetação	Origem	Altura	Sentido
Manacá, caá-gambá, jasmim-cheiroso	<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D. Don	Solanaceae	Arbusto	Mata Atlântica	2 - 3 m	 

Brunfelsia uniflora (Pohl) D. Don é um arbusto perene, ereto, ramificado, lenhoso, de 2- 3 metros de altura e pertencente à família Solanaceae. É popularmente conhecido como manacá, caá-gambá, cangambá, geretataca, gerataca, jasmim-do-paraguai, jeretataca, manacá- cheiroso, manacá-de-cheiro, mercuri, mercúrio-vegetal ou romeu-e-julieta. É uma planta nativa do sul e sudeste do Brasil. O manacá apresenta folhas simples, cartáceas, quase glabras, de 4-7 cm de comprimento. Flores grandes, tubulosas, solitárias, muito perfumadas, de cor inicialmente branca e, violeta após a fecundação. Fruto: baga oblonga ou globosa.

Nomenclatura iorubá

O manacá não tem denominação jeje-nagô e seu orixá relacionado é Nanã. Está ligado aos elementos da natureza terra e seu gênero é feminino.

Usos medicinais

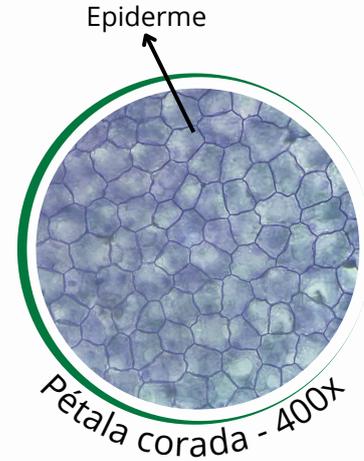
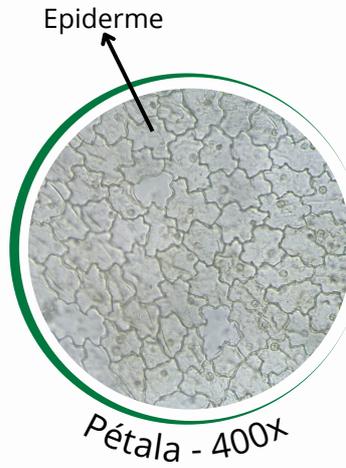
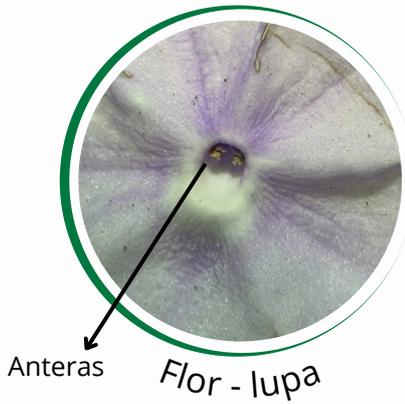
Para fins medicinais são utilizadas as folhas, ramos e raízes do manacá. Tem emprego purgativo, emético, abortivo, depurativo, antissifilítico, antirreumático, antiinflamatório, e emenagogo. Indígenas da Amazônia ocidental brasileira consideram-na diaforética e diurética, empregando-a contra febres, reumatismo, sífilis, mordedura de cobras e febre-amarela. Em doses elevadas causa delírio, confusão mental, tremores e insônia.



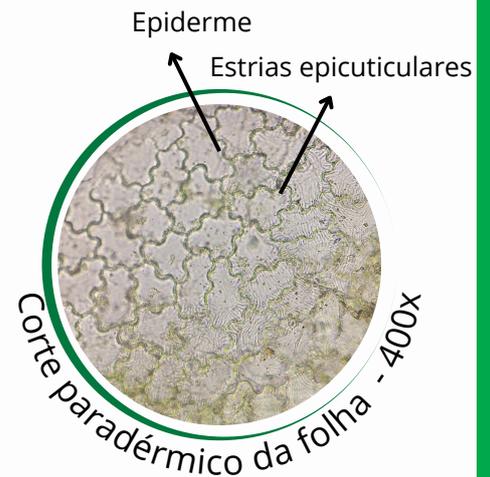
Sentidos

O perfume extraído dessa planta é utilizado na perfumaria, e seu aroma estimula nosso olfato. Suas belas flores, que mudam de cor ao longo de alguns dias, encantam e estimulam nossa visão.

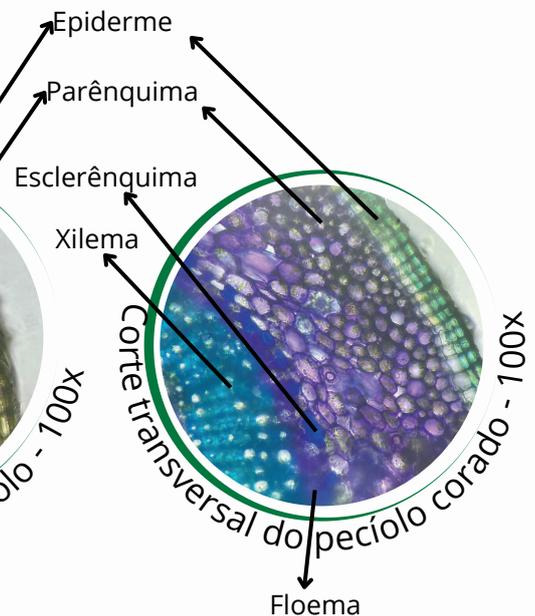
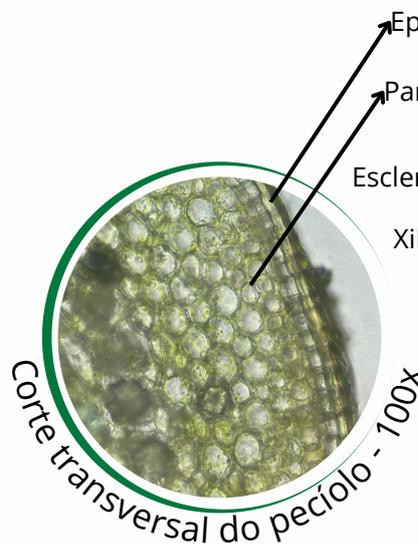
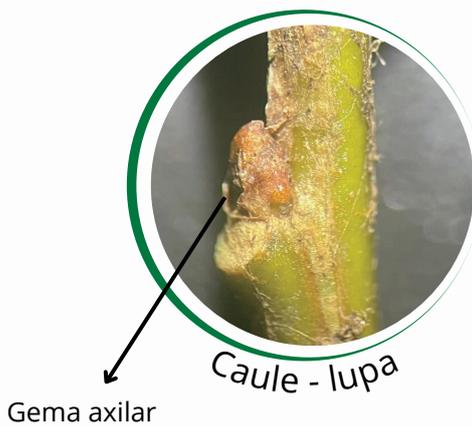
Flor



Folha



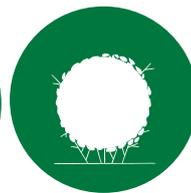
Caule e Pecíolo



Clidemia hirta

(L.) D. Don

Pixirica



Nome popular

Nome científico

Família

Tipo de vegetação

Origem

Altura

Sentido

Pixirica, mirtilo-amazônico, buxixu, mirtilo-brasileiro

Clidemia hirta
(L) D. Don

Melastomataceae

Arbusto

Mata Atlântica

0,6 - 1,9m



É um arbusto de vida longa (perene) densamente ramificado. Cresce espontaneamente em áreas abertas. Os caules mais jovens são arredondados e cobertos por tricomas grandes, castanhos ou avermelhados. As folhas são simples, opostas, oblongo-ovaladas com extremidade larga na base e com pontas pontiagudas, e margens quase inteiras finamente dentadas. Suas superfícies superiores são esparsamente cobertas de tricomas, semelhantes aos encontrados nos caules, enquanto suas superfícies e margens inferiores são mais densamente pilosas. As folhas também têm uma aparência enrugada e cinco nervuras distintas que correm de forma quase paralela da base ao ápice. As flores têm cinco sépalas pequenas, e cinco estames distintos com aparência de garras. Os frutos pequenos e arredondados são bagas e são de cor azul escuro, arroxeadas ou escurecidas. Cada uma dessas bagas contém mais de 100 sementes de cor marrom claro. Essas frutas também são cobertas por tricomas duros e espalhados, especialmente quando são jovens.

Nomenclatura iorubá

Sua denominação jeje-nagô é Ewé Inón e seus orixás relacionados são Exú, Oyá e Xangô. Segundo a classificação jeje-nagô, a pixirica pertence ao elemento fogo, sendo seu gênero o feminino.

Usos medicinais e alimentícios

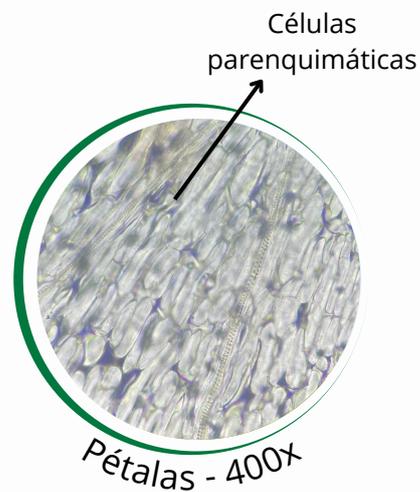
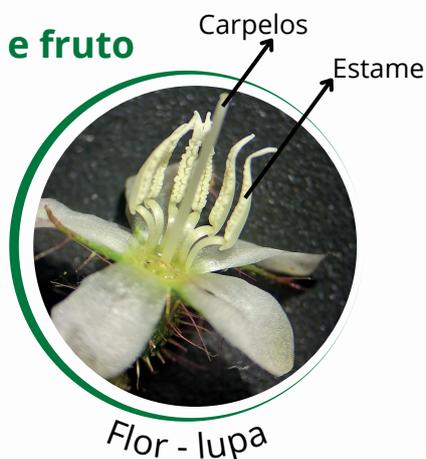
Os frutos de cor roxa escura, com polpa suculenta e com micro sementes são comestíveis. Estes são de sabor agradáveis e ricos em vitamina C e antioxidantes. Podem ser consumidos *in natura*, ou em diversas receitas e pratos, sendo considerada uma excelente PANC.



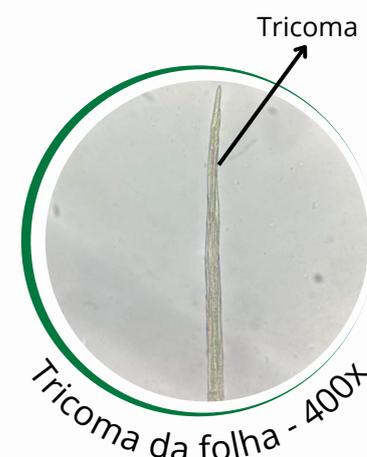
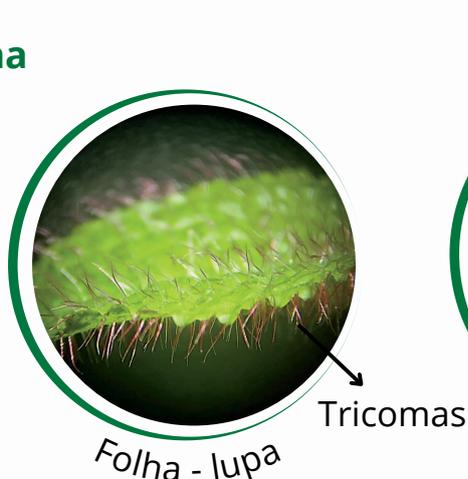
Sentidos

Os caules da pixirica apresentam intensa pilosidade, e suas folhas possuem bordas serrilhadas e venação marcante, características que estimulam nosso tato. Seus frutos são comestíveis *in natura*, despertando o paladar. Além disso, a coloração roxo-escuro, quase azulada, deve-se à presença de antocianinas, conferindo-lhes uma beleza que também estimula nossa visão.

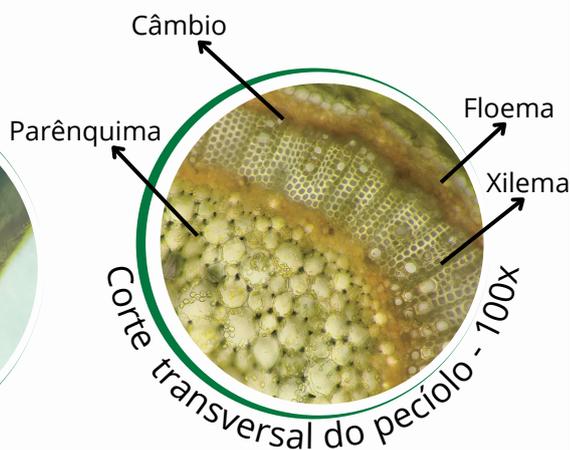
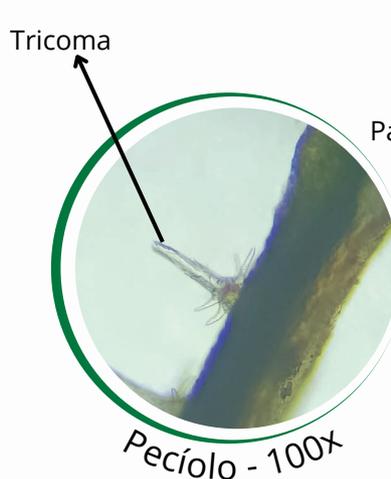
Flor e fruto



Folha



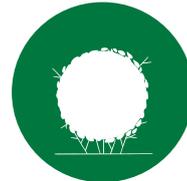
Pecíolo



Kalanchoe brasiliensis

Camb.

Saião



Nome popular

Nome científico

Família

Tipo de vegetação

Origem

Altura

Sentido

Saião, folhada-costa, folha-grossa, paratudo, erva-grossa

Kalanchoe brasiliensis
Camb.

Crassulaceae

Arbusto

Mata Atlântica

Até 150cm



Apresenta características botânicas típicas de um vegetal sublenhoso, perene, com crescimento que pode atingir até 150 centímetros de altura. Possui folhas simples, dispostas de forma alternada, oposta ou verticilada, sem estípulas, de consistência carnosa e superfície glabra. As flores são hermafroditas, com corola gamopétala de coloração amarelo-alaranjada, mais longa que o cálice. Apresenta carpelos escamosos que originam folículos polispérmicos, além de cálice intumescido e glabro. O fruto contém sementes com endosperma.

Nomenclatura iorubá

Sua denominação jeje-nagô é Òdúndún e seu orixá relacionado é Oxalá. Segundo a classificação jeje-nagô, o saião pertence ao grupo Omí (Folhas-de-água), sendo uma Omí-èró (Água-que-acalma).

Usos medicinais

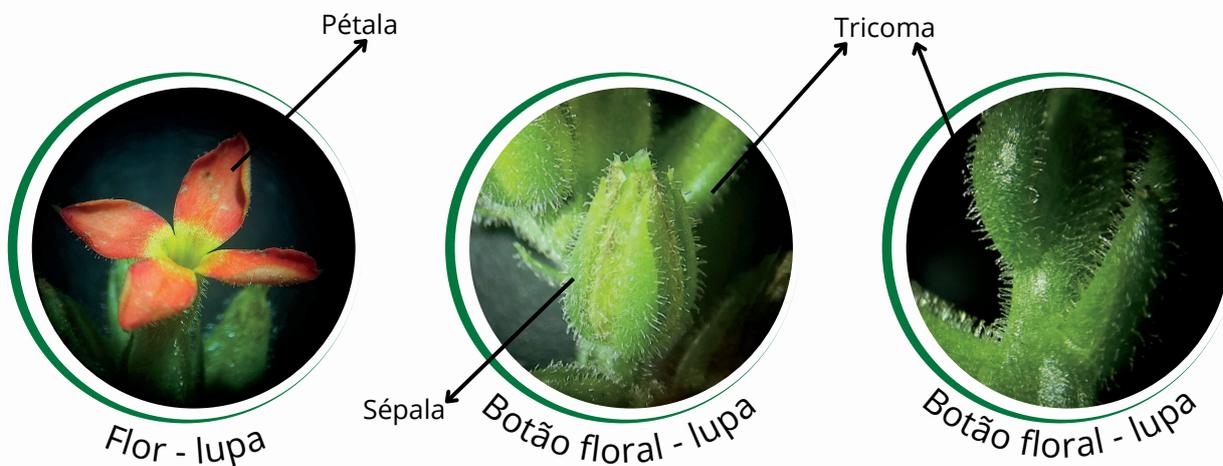
A planta *Kalanchoe brasiliensis*, da família Crassulaceae, popularmente conhecida como saião, sendo amplamente utilizada para o tratamento de feridas, abscessos, furúnculos e infecções genito-urinárias. Estudos apontam diversas ações farmacológicas, como propriedades anti-inflamatórias, imunomoduladoras, larvicidas e anticolinesterásicas. Diversos constituintes já foram identificados nessa planta, incluindo flavonoides glicosilados e esteroides.



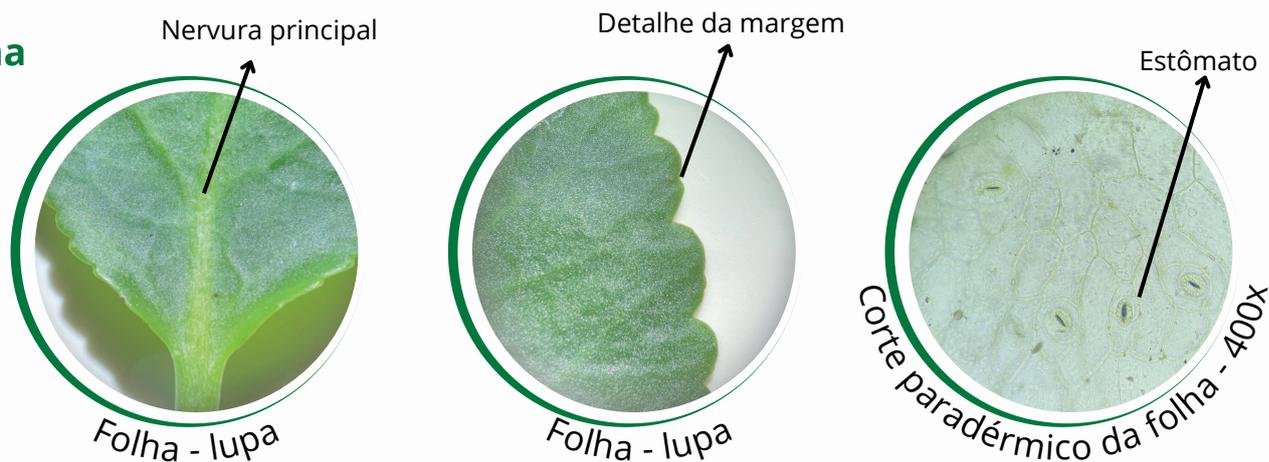
Sentidos

Pela beleza de suas folhas suculentas, trata-se de uma planta que estimula intensamente a visão. Além das folhas, suas flores de coloração alaranjada e tom vibrante também despertam esse sentido. No caule, a presença de tricomas contribui para a estimulação tátil, enriquecendo a experiência sensorial.

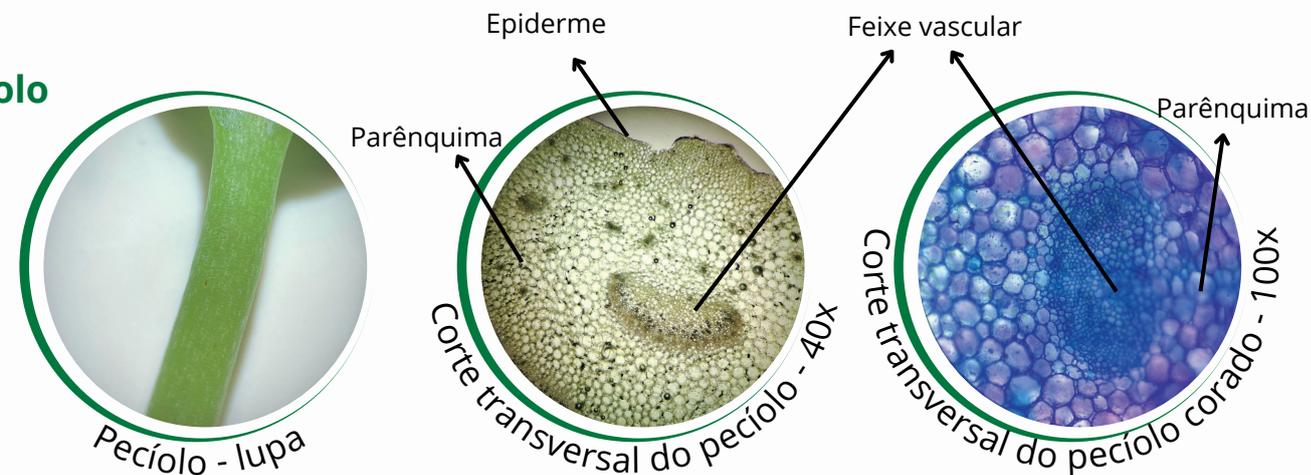
Flor



Folha



Pecíolo



Mimosa pudica L.

Dormideira



Nome popular

Nome científico

Família

Tipo de vegetação

Origem

Altura

Sentido

Sensitiva, adormideira, dormideira, mimosa, sensitiva, dorme-dorme

Mimosa pudica L.

Fabaceae

Subarbusto

Mata Atlântica

30 - 50cm



Mimosa pudica L. é um subarbusto pertencente à família Fabaceae, sendo popularmente conhecida como sensitiva, adormideira, dormideira, mimosa, sensitiva, dorme-dorme, malícia-de-mulher, arranhadeira, erva-viva, dorme-maria, malícia, juquiri-rasteiro, malícia-roxa, morrejoão, vergonha, e não-me-toque. Seu caule é ereto e tem até 50cm de altura, com espinhos. Suas folhas são sensitivas (fecham-se ao menor toque e à noite, pela turgescência das células dos pulvinos - dilatações na base dos folíolos), alternas, bipinadas. As pinas (geralmente quatro) são dispostas sob forma digitada, cada uma com vários pares de pequenos folíolos lineares e lanceolados. As flores são pequenas, lilás suave ao vermelho-claro. As inflorescências são pedunculadas, esféricas, do tipo corimbo, axilares, agrupadas na parte superior dos ramos. Os frutos são vagens tortuosas. Multiplica-se por sementes que podem ficar até 15 anos no solo.

Nomenclatura iorubá

Sua denominação jeje-nagô é Ápèjè e Patonmó. Seus orixás relacionados são Exú e Oyá. Os elementos que regem a dormideira são o fogo e gênero masculino.

Usos medicinais

As folhas, flores e raízes possuem amplo uso na medicina caseira devido às suas propriedades terapêuticas. As raízes, irritantes e purgativas, são usadas contra difteria e reumatismo. A infusão das folhas atua como colagoga, desobstruente do fígado, tônica e purgativa, sendo indicada para icterícia e reumatismo, além de servir como gargarejo para garganta e cataplasma para escrófula. As flores, em banhos ou cataplasmas, auxiliam no tratamento de tumores, leucorreia e escrófula. Estudos confirmam suas propriedades cicatrizantes, antimicrobianas, analgésicas, antiinflamatórias, antioxidantes, anti-helmínticas, anti-hiperglicêmicas e antiúlcera, entre outras.



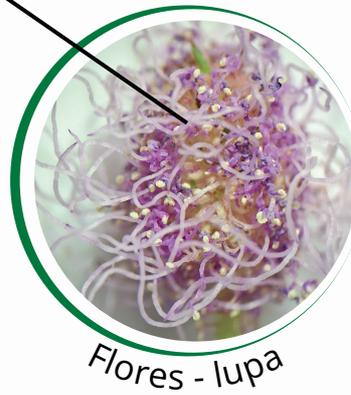
Sentidos

A dormideira é estimulada pelo tato. O toque em seus folíolos causa uma reação em centésimos de segundos e eles se fecham. Para que a planta retome sua posição inicial são necessários de 10 a 20 minutos. É uma planta ornamental, muito utilizada para cobrir cercas. Sua bela florada é um grande estímulo à nossa visão.

Flor



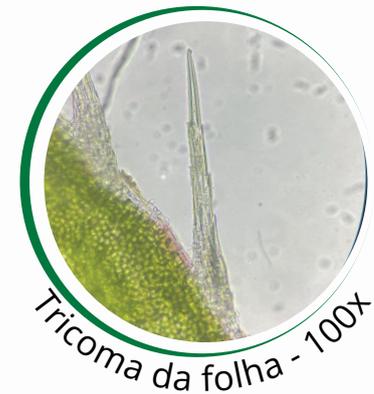
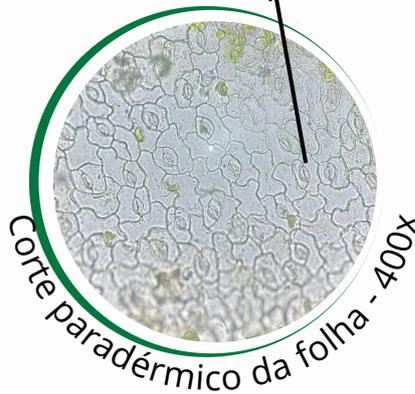
Estames



Folha



Estômatos



Caule

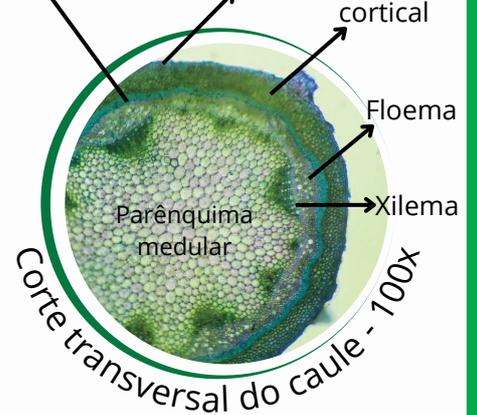


Tricomas



Esclerênquima

Epiderme Parênquima cortical



Cuidado: A dormideira é a única espécie em nosso Jardim Sensorial que contém espinhos em seu caule. O toque deve ser feito apenas nos folíolos e a beleza de suas flores contemplada.

Piper umbellatum L.

Caapeba



Nome popular

Caapeba, capeba, pariparoba, aguaxima, catajé, capeva

Nome científico

Piper umbellatum L.

Família

Piperaceae

Tipo de vegetação

Subarbusto

Origem

Mata Atlântica

Altura

1 - 2,5m

Sentido



Piper umbellatum L. pertencente à família Piperaceae e é popularmente conhecida como caapeba, capeba, pariparoba, aguaxima, catajé, capeva, caapeba-verdadeira. É nativa em quase todo o território brasileiro, principalmente do sul da Bahia até Minas Gerais e São Paulo. É um subarbusto ereto, perene, ramificado, com hastes articuladas e providas de nós bem visíveis, de 1,0 - 2,5 m de altura. As folhas são amplas, simples, alternas, de lâmina orbicular, cartácea, de superfície superior bem enrugada e marcada pelas nervuras e a inferior de cor mais clara, de 15 - 23 cm de diâmetro, com pecíolo de 18 - 24 cm de comprimento. As flores são pequenas, de cor creme-esverdeada, reunidas em inflorescências axilares espigadas de 4 - 8 cm de comprimento.

Nomenclatura iorubá

Sua denominação jeje-nagô é Ewé iyá e é uma planta ligada à lemanjá. Seu elemento relacionado é a água e seu gênero é o feminino.

Usos medicinais e alimentícios

Suas folhas, hastes e raízes são utilizadas na medicina popular em diversas regiões do Brasil. Preparadas na forma de infusos ou decoctos, as folhas e raízes são tradicionalmente usadas no tratamento de distúrbios do fígado, baço e rins, além de úlceras, resfriados, bronquites, icterícia, sífilis, leucorreia, afecções urinárias, furunculose, queimaduras e filariose. Também é conhecida por suas propriedades diuréticas, febrífugas, depurativas e emenagogas. A casca, em decoção, é utilizada especialmente para problemas relacionados à vesícula biliar.

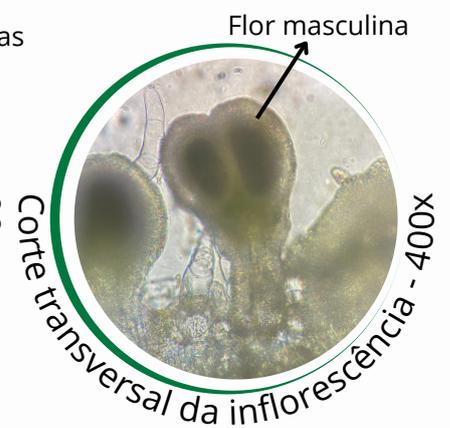
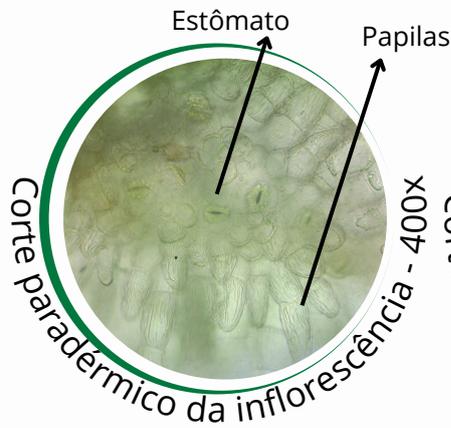
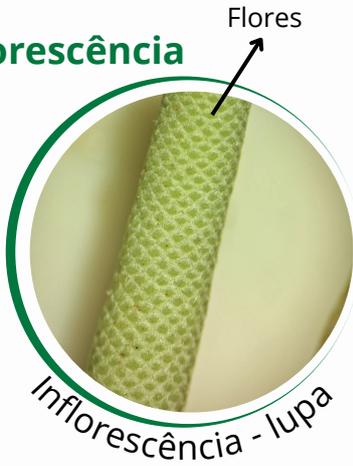
É PANC! Suas folhas e inflorescências jovens podem ser consumidas de diversas formas, com preparo semelhante ao da couve. A casca é usada como condimento, e as infrutescências maduras são doces, aromáticas e suculentas.



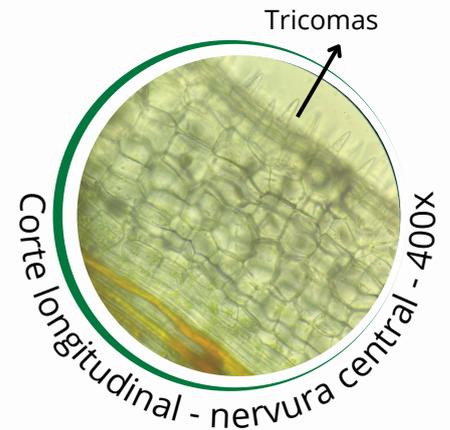
Sentidos

As folhas da caapeba apresentam nervuras evidentes e superfície enrugada, características que estimulam o tato. Por se tratar de uma planta aromática da família das pimentas, seu aroma e sabor marcantes também despertam o olfato e o paladar.

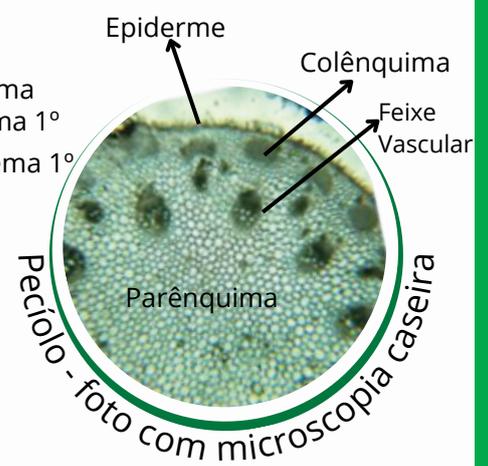
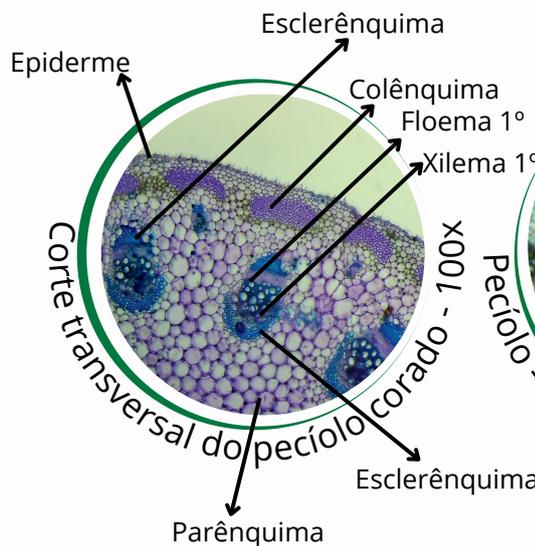
Inflorescência



Folha



Pecíolo



Pleroma granulosum

(Desr.) D. Don

Quaresmeira roxa



Nome popular

Nome científico

Família

Tipo de vegetação

Origem

Altura

Sentido

Quaresmeira-roxa, quaresma, flor-de-quaresma

Pleroma granulosum (Desr.) D. Don

Melastomaceae

Árvore

Mata Atlântica

8 -12 metros



A espécie *Pleroma granulosum* (Desr.) D. Don pertence à família Melastomataceae, sendo popularmente conhecida como quaresmeira roxa. É uma planta característica da Mata Pluvial Atlântica e floresce duas vezes ao ano (de julho a agosto e de dezembro a março). Suas flores apresentam coloração que varia do rosa ao roxo. A árvore cresce entre 8 e 12 metros de altura, com tronco de 30-40 cm de diâmetro e folhas duras e pubescentes em ambas as faces.

Nomenclatura iorubá

A quaresmeira não tem denominação jeje-nagô e seu orixá relacionado é Nanã. Está ligada aos elementos da natureza terra e seu gênero é masculino.

Usos medicinais

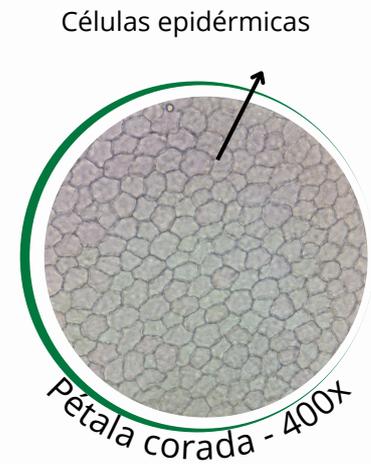
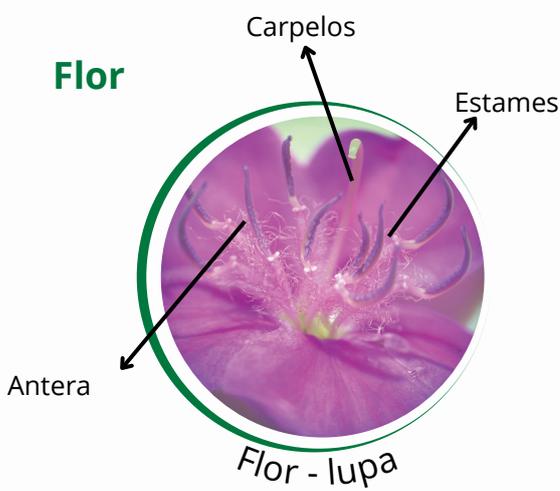
Estudos realizados demonstraram haver uma série de grupos de fitomoléculas, bem como resultados importantes de inibição bacteriana para bactérias importantes de interesse humano a partir do extrato floral hidroetanólico da planta. Estudos verificaram que o extrato das folhas de *P. granulosum* possui ação anti-inflamatória devido à presença de proantocianidinas e flavonoides.



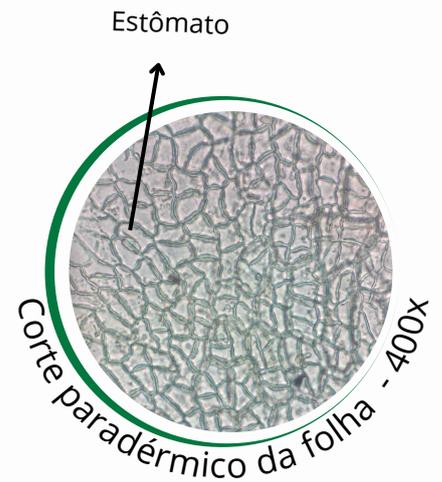
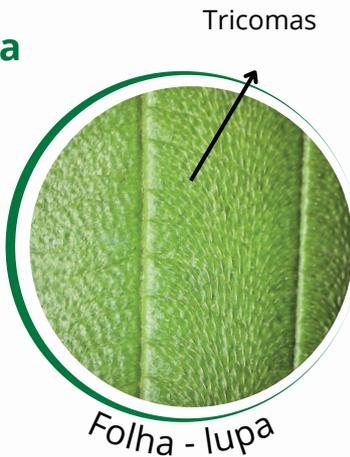
Sentidos

Suas belas flores apresentam tonalidades que variam do rosa-claro ao roxo, constituindo um forte estímulo visual e sendo amplamente utilizadas com fins ornamentais.

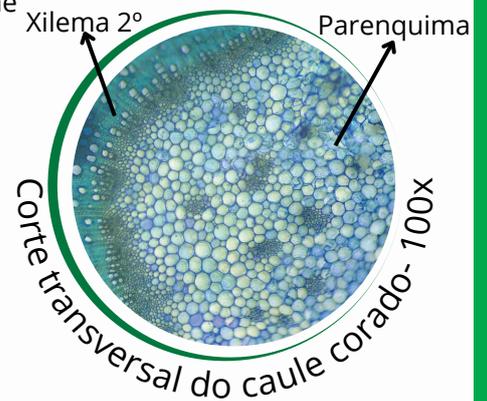
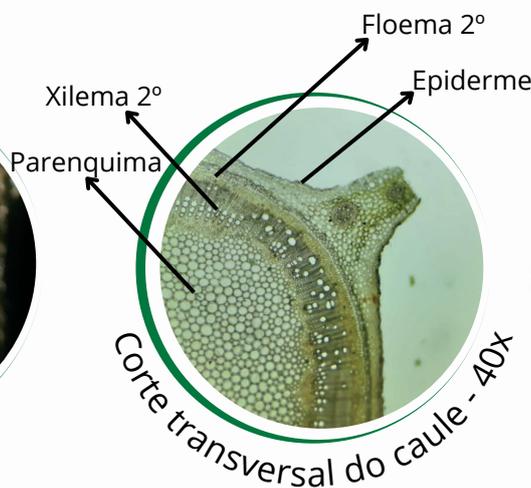
Flor



Folha



Caule



Plumeria drastica M.

Jasmin-manga



Nome popular

Nome científico

Família

Tipo de vegetação

Origem

Altura

Sentido

Jamim-manga, árvore pagode, pluméria

Plumeria drastica M.

Apocynaceae

Árvore

Mata Atlântica

Até 7 metros



A *Plumeria drastica* M. é uma árvore pertencente a família Apocynaceae. É popularmente conhecida como Jasmin-manga, árvore pagode, pluméria. Uma planta nativa do território brasileiro, onde podem alcançar a altura de até 7 metros com folhagem densa nas extremidades dos ramos. Suas folhas possuem base simétricas, alternas podendo atingir 30cm de comprimento, são lineares e lanceoladas, a superfície é verde-escura brilhante e o reverso é guarnecido por tricomas tomentosos. Suas folhas caem no início do período da seca.

Nomenclatura iorubá

Sua denominação jeje-nagô é Ítètè e seu orixá relacionado é Oxossi. Segundo a classificação jeje-nagô, a jasmin-manga é uma Ewé igbó (folhas da terra), de gênero masculino.

Usos medicinais

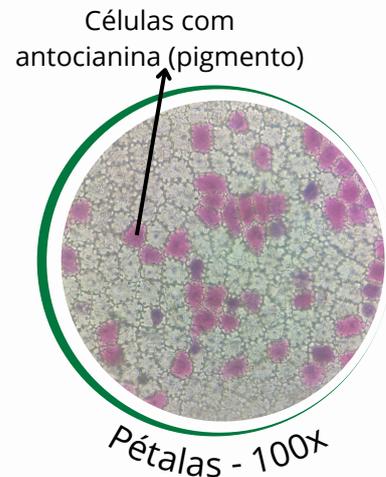
O látex e a casca da jasmin-manga apresentam vários usos etnofarmacológicos. Alguns indígenas empregam o pó do látex dessecado ou fresco como curativo de feridas ou para tratar miíase. É comum, no Nordeste do Brasil, a utilização do látex diluído como medicamento.



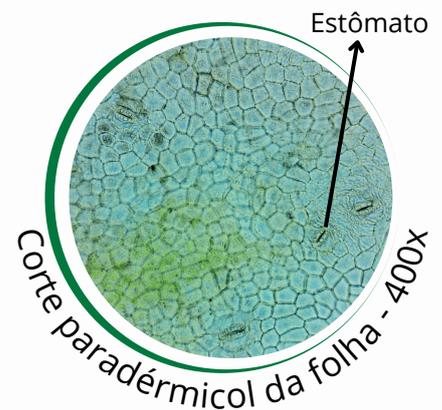
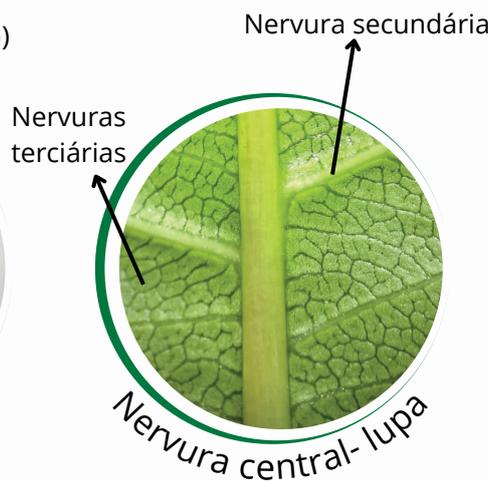
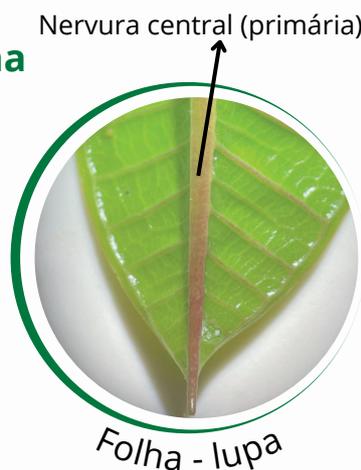
Sentidos

A jasmin-manga possui flores belas e perfumadas, que exalam um aroma doce e intenso, frequentemente associado a sensações de tranquilidade e bem-estar. Suas flores estimulam tanto a visão quanto o olfato, sendo amplamente apreciadas por sua delicadeza e fragrância.

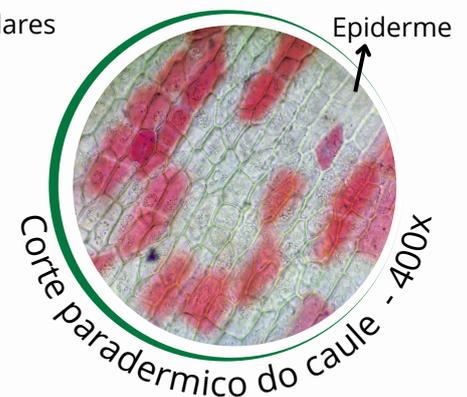
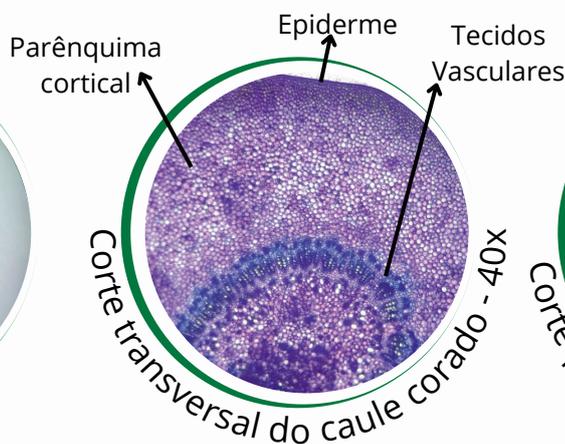
Flor



Folha



Caule e pecíolo

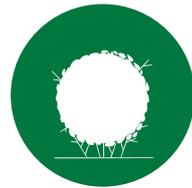


Cuidado: É importante lembrar que a planta contém látex, uma substância leitosa e irritante, que pode ser tóxica e causar reações alérgicas ao contato.

Stachytarpheta cayennensis

(Rich.) Vahl

Gervão-azul



Nome popular

Nome científico

Família

Tipo de vegetação

Origem

Altura

Sentido

Gervão-azul, rincão, rinchão, gervão, mootó, verbena-falsa

Stachytarpheta cayennensis (Rich.) Vahl

Verbenaceae

Subarbusto

Mata Atlântica

Até 1m



O gervão-azul é nativo do Brasil, crescendo em beiras de matas e em áreas sob distúrbio. Se apresenta como um subarbusto anual ou perene, ereto, com muita ramificação, atingindo até 1m de altura. Possui filotaxia oposta-cruzada, com folhas elípticas a ovaladas, pecioladas, de base atenuada, decorrente e com ápice agudo. As folhas ainda possuem margem crenado-serrada, com face adaxial glabra e face abaxial pubescente. Suas inflorescências são do tipo espiga, com brácteas protegendo as flores que estão inseridas nas cavidades do eixo da inflorescência. As flores são violetas, azuis ou lilases, zigomorfas, de corola hipocrateriforme, levemente curvada, com cinco lacínios. Seus frutos, com cálice persistente, são secos, muito pequenos, de cor marrom, com superfície reticulada.

Nomenclatura iorubá

Sua denominação jeje-nagô é Ewé ìgbolé, sendo uma planta relacionada a Obaluaiê. Seu elemento da natureza é a terra e seu gênero masculino.

Usos medicinais e alimentícios

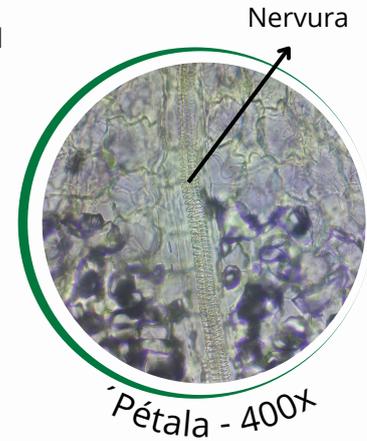
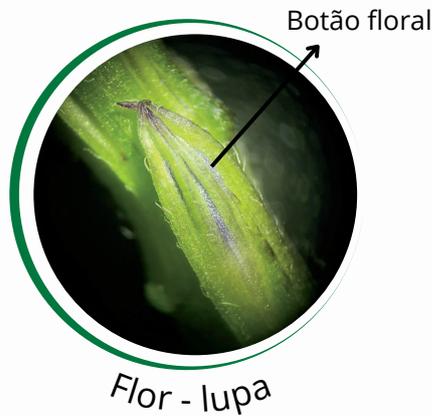
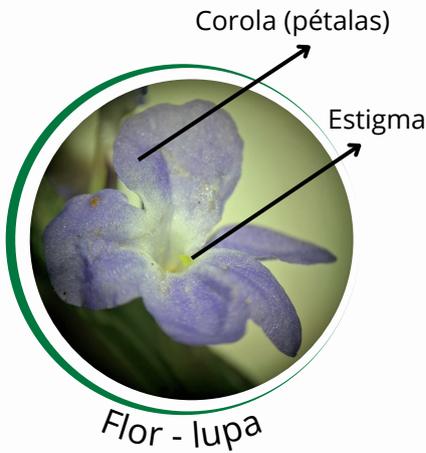
O gervão é reconhecido por suas propriedades medicinais e integra o Programa de Pesquisas de Plantas Mediciniais do SUS como planta de uso antiemético e digestivo. Suas folhas são usadas no tratamento de problemas estomacais, hepáticos, inflamatórios e respiratórios, além de malária, febre e diabetes, especialmente entre alguns grupos indígenas. As raízes aliviam dores e reumatismo, e o chá ou a tintura auxiliam em sintomas gripais. Suas flores, de sabor adocicado, são comestíveis e utilizadas como ornamentais em saladas, sendo classificadas como PANC.



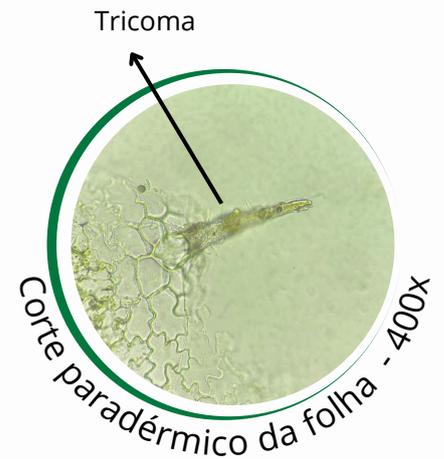
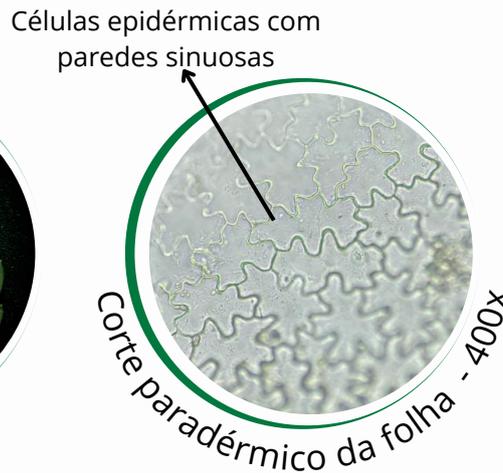
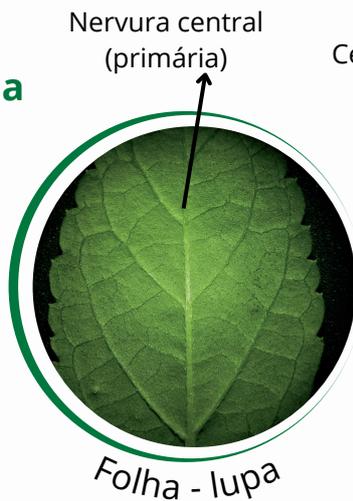
Sentidos

É considerada uma planta ornamental devido às suas belas inflorescências azuis, que despertam intensamente a visão. As flores do gervão-azul possuem sabor adocicado, oferecendo um delicado estímulo ao paladar. Já as margens serradas das folhas e as nervuras proeminentes em sua face inferior proporcionam uma rica experiência tátil.

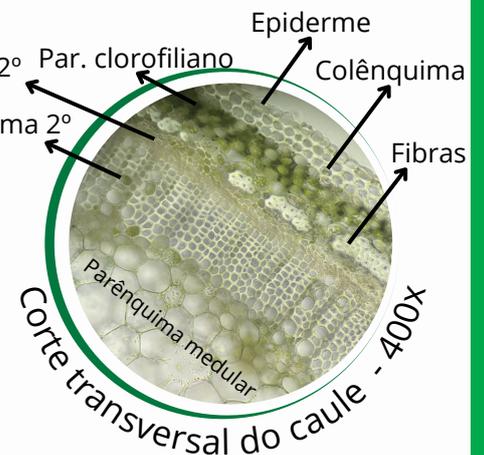
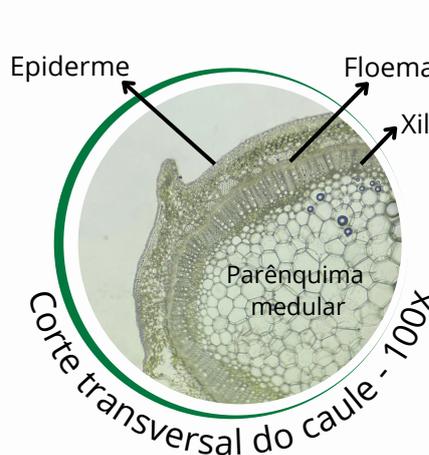
Flor



Folha



Caule



Talinum paniculatum

(Jacq.) Gaertn

Major-gomes



Nome popular

Nome científico

Família

Tipo de vegetação

Origem

Altura

Sentido

Major-gomes, maria-gomes, bredo, caruru

Talinum paniculatum
(Jacq.) Gaertn

Talinaceae

Erva

Mata Atlântica

30 - 40 cm



Talinum paniculatum (Jacq.) Gaertn é uma planta herbácea suculenta, perene, ereta, quase sem ramificação, glaba, com grossa raiz pivotante ou xilopódio (de reserva), de 30-40 cm de altura, nativa em quase todo território brasileiro. Suas folhas são simples, curto-pecioladas, inicialmente em rosetas basais, de lâminas obovada, carnosa, glaba em ambas as faces. Apresenta flores pequenas de cor rosada, seu fruto é constituído por uma cápsula globosa com sementes pretas brilhantes e comestíveis. Cresce espontaneamente em solos agrícolas lavrados anualmente, pomares, hortas, terrenos baldios e beira de estradas de todo o país.

Nomenclatura iorubá

Sua denominação jeje-nagô é Ewé gbúre òsun. É uma planta ligada aos orixás Xangô e Oxum. Seu elemento da natureza é a água e seu gênero é o masculino.

Usos medicinais e alimentícios

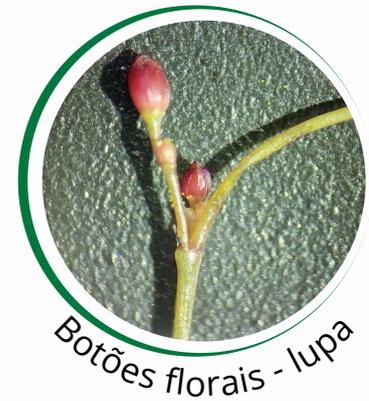
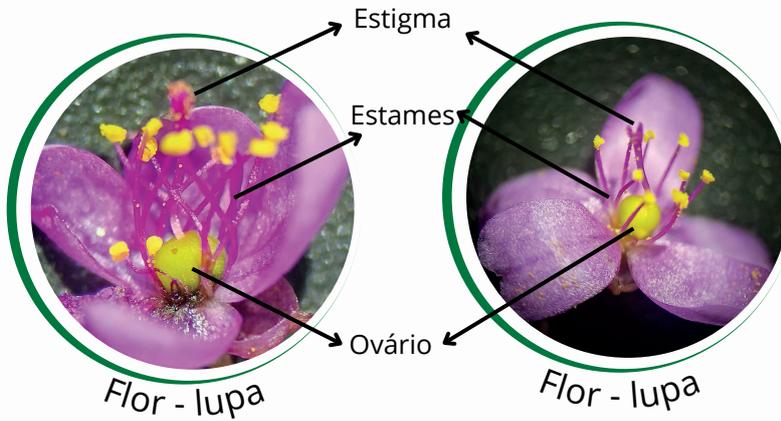
A major-gomes é usada na medicina popular para tratar úlceras, problemas gastrointestinais e feridas de pele. Estudos indicam efeitos estrogênicos e antinociceptivos. Rica em ferro, magnésio e cálcio, suas folhas podem ser consumidas cruas ou cozidas. Suas sementes pretas são usadas em saladas, empanados e pães. Considerada uma hortaliça promissora, suas folhas e brotos podem ser consumidos em saladas, mas preferencialmente cozidos, refogados, em ensopados ou em receitas como pães caseiros, bolos salgados, suflês e cremes.



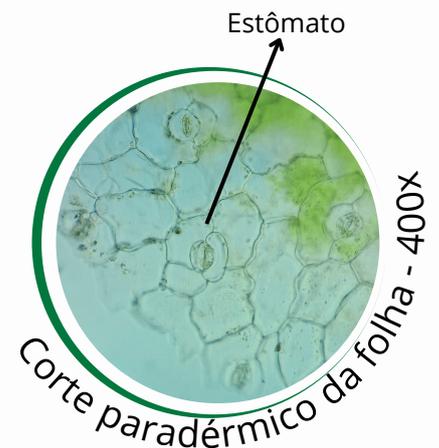
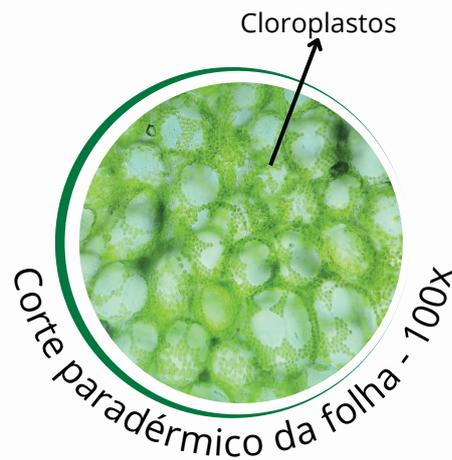
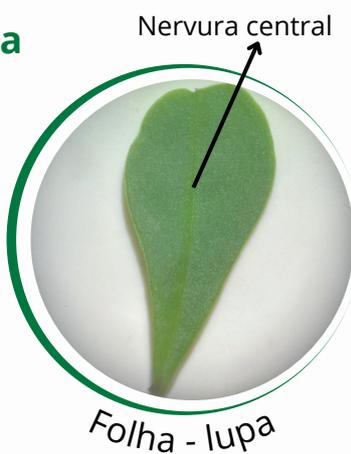
Sentidos

As delicadas flores da major-gomes encantam pela beleza e estimulam nossa visão. Suas folhas são comestíveis e podem ser consumidas cruas ou em preparos culinários, oferecendo um agradável estímulo ao paladar.

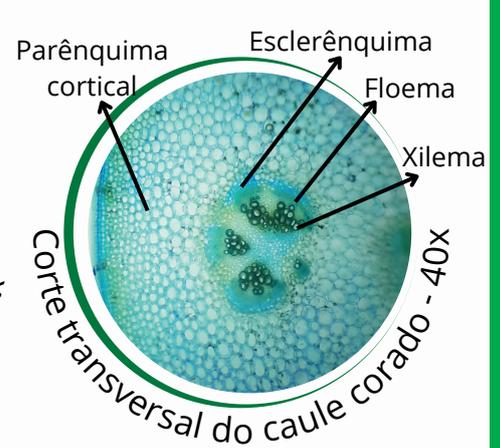
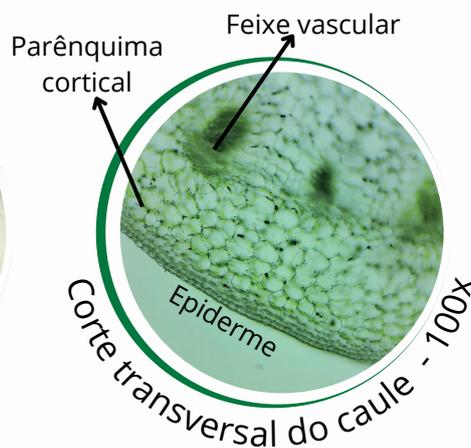
Flor



Folha



Caule



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÄRTELS, Andreas; DA VEIGA SOARES, Cecília Beatriz; BRITO, Antonio Luiz Vieira Toscano. Guia de plantas tropicais: plantas ornamentais, plantas úteis, frutos exóticos. Lexikon, 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INSUMOS ESTRATÉGICOS. DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA E INSUMOS ESTRATÉGICOS. A fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisas de Plantas Medicinais da Central de Medicamentos. Ministério da Saúde, 2006.

DE CÁSSIA THIESEN, Leticia et al. Antioxidant and antimicrobial activity of *Brunfelsia uniflora* leaf extract. Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da UNIPAR, v. 21, n. 3, 2018.

FAVARO, Jean Filipe. Etnobotânica dos cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná: a importância das plantas na construção da identidade cultural. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

FERREIRA, Sidney Alberto N.; ANTONIO, Isaac COHEN; JANSEN, Mauro Roberto A. Biologia reprodutiva de *Clidemia hirta* (L.) D. Don (Melastomataceae). Acta Amazonica, v. 24, p. 183-188, 1994.

GRANDI, Telma Sueli Mesquita. Tratado das plantas medicinais: mineiras, nativas e cultivadas. Belo Horizonte: Adequatio Estúdio, 2014.

JAGUN, Márcio de. Ewé: a chave do portal. Rio de Janeiro: Instituto Ori, 2011.

JOSEPH, Baby; GEORGE, Jency; MOHAN, Jeevitha. Pharmacology and traditional uses of *Mimosa pudica*. International journal of pharmaceutical sciences and drug research, v. 5, n. 2, p. 41-44, 2013.

KINUPP, Valdely Ferreira; LORENZI, Harri J. Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. 2014.

LORENZI, Harri; MATOS, Francisco J. Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas. 2002.

SOUZA, Mayra de Oliveira et al. EWÉ Ó! EWÉ ÁSÀ! O sistema iorubá de classificação de plantas no Jardim Sensorial do IFRJ campus Pinheiral. IN: Ensino de ciências e biologia em foco [livro eletrônico]: volume 1. Org: Gisele Holanda de Sá, Neyla Cristiane Rodrigues de Oliveira, Junielson Soares da Silva. Teresina, PI: Wissen Editora, 2022. DOI: 10.52832/wed.35.140

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: HERBÁRIO PROF. JORGE PEDRO PEREIRA CARAUTA - HUNI. 2021. Disponível em <<http://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/stachytarpheta-cayennensis-rich-vahl>>. Acesso em: 03 de agosto de 2021.

VERGER, Pierre F. Ewé – o uso das plantas na Sociedade Iorubá. Companhia das Letras. 1995.

VICTORINO, V. J. Microscopia caseira e o ensino de ciências: aplicações em pesquisa e extensão. In: I SEMANA DA BIOLOGIA DOS INSTITUTOS FEDERAIS. Anais [...]. Instituto Federal Farroupilha. Campo Grande, MS: Life Editora, 2022. 221p.

WEIMER, Patrícia et al. Anti-inflammatory activity of *Brunfelsia uniflora* root extract: phytochemical characterization and pharmacologic potential of this under-investigated species. *Natural Product Research*, p. 1-7, 2020.

Sobre as autoras e os autores



Doutora em Ciências pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP), mestre em Patologia Experimental pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), com bacharelado e licenciatura em Ciências Biológicas (UEL). Atua como professora no IFRJ Campus Pinheiral, desenvolvendo projetos nas áreas de educação ambiental, inclusão e práticas pedagógicas decoloniais. Coordena iniciativas que valorizam saberes tradicionais e promovem a biodiversidade da Mata Atlântica.

Graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas no IFRJ Campus Pinheiral. Desenvolve atividades nas áreas de educação ambiental, microscopia, jardim sensorial e popularização da ciência por meio de tecnologias acessíveis.



Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas no IFRJ Campus Pinheiral, foi bolsista de projetos de iniciação científica e extensão. Atua na área de etnobotânica, inclusão, educação ambiental e divulgação científica com foco em práticas escolares.



Doutor em Biologia Vegetal pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mestre em Botânica pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Atua como professor colaborador na Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO), com foco em Botânica, especialmente em morfologia e anatomia vegetal. Sua pesquisa abrange anatomia de órgãos vegetativos e reprodutivos, taxonomia e micromorfologia.



Mais que um guia de plantas, esta obra é um convite a caminhar com os sentidos atentos e com o respeito profundo pelos saberes ancestrais que florescem em cada planta.

A partir das experiências vividas no Jardim Sensorial Afrorreferenciado e Indígena do IFRJ Campus Pinheiral, o livro integra ciência, memória, botânica e pedagogia para valorizar a biodiversidade da Mata Atlântica e os conhecimentos dos povos pretos e indígenas que, por gerações, cuidam da terra e de suas curas.

Com textos acessíveis, imagens macroscópicas e microscópicas, nomenclaturas populares, científicas e iorubás, esta publicação é fruto de trabalhos de pesquisa, extensão, ensino e escuta.

Ideal para educadores, estudantes, comunidades tradicionais, ambientalistas e todas as pessoas interessadas em uma educação ambiental inclusiva, decolonial e sensorial.

**Porque cada planta tem uma história.
E cada história guarda uma resistência.**